

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL
CURSO DE LETRAS

ANNE CAROLINE PEREIRA DANTAS

AS VOZES DE CAPITU QUE ADVÊM DO OUTRO

PATU
2017

ANNE CAROLINE PEREIRA DANTAS

AS VOZES DE CAPITU QUE ADVÊM DO OUTRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito Parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras. Sob a orientação da Professora Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

PATU
2017

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

P436v Pereira Dantas, Anne Caroline
As Vozes de Capitu que Advêm do Outro.. / Anne Caroline Pereira Dantas. - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2017.

53p.

Orientador(a): Profa. M^a. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Capitu. Silenciamento. Voz. I. Tarsis Morais Figueiredo, Annie. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
III. Título.

ANNE CAROLINE PEREIRA DANTAS

AS VOZES DE CAPITU QUE ADVÊM DO OUTRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Aprovado em ____/____/____.

Banca Examinadora

Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo - Presidente
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto – Examinadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Ma. Larissa Cristina Viana Lopes – Examinadora
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Dedico este trabalho, bem como todas as minhas conquistas à minha mãe, por ser a grande responsável por minha formação pessoal. Obrigada pelo incentivo e apoio que sempre se presentes durante toda a minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, que foi quem me sustentou durante toda essa caminhada, sem a força dele eu não teria conseguido.

A minha orientadora Annie Tarsis Morais Figueiredo pelo empenho e pela dedicação em tornar possível a conclusão deste trabalho.

Agradeço a minha família e a minha mãe Marineide, que sonhou e lutou junto comigo para a realização desta pesquisa.

Agradeço a compreensão da minha avó Francisca Pereira e das minhas tias pela minha ausência durante a conclusão desse trabalho.

Agradeço a meu pai José Roberto pelo incentivo.

Agradeço aos meus professores pelos ensinamentos que foram essenciais para me tornar uma profissional capacitada.

Agradeço a minha irmã Maria Eduarda pela paciência diária e o amor que sempre me foi dado.

E por último, agradeço as minhas amigas Mônica Alline, Adna e Heloísa que se tornaram ao longo da graduação minhas novas irmãs. Obrigada pelo companheirismo, cumplicidade, pela ajuda e pela mão amiga que se fez presente durante toda jornada, criando laços de irmandade que vão se permear por muito tempo.

Agradeço a todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão dessa etapa.

O tempo me roubou de mim. Não me contentava em ser menos. Desdobrava-me para ser mais. Nada me é suficiente assim. Recusei-me a ser Amélia. Para ser parto do todo. Despedi-me da plateia. Preferi ser Capitu.

Neide Cristina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 Uma breve contextualização a respeito da HISTÓRIA da mulher	13
2.1 Considerações sobre os aspectos históricos da obra <i>Dom Casmurro</i>	23
3 O silenciamento de Capitu	28
3.1 Um novo olhar sobre o movimento feminista.....	36
4 O narrador suspeito em <i>Dom Casmurro</i>	42
4.1 Capitu e seu lugar de fala em <i>Dom Casmurro</i>	47
5 Considerações finais	51
6 REFERÊNCIAS	53

RESUMO

Desde muito antes da idade média as mulheres foram silenciadas e suas vozes foram ocultadas e configuradas pelo o poder masculino, ocorrendo o silenciamento de suas vozes, tal silenciamento e a opressão que vivia o ser feminino vieram de um pensamento que se consolidou por muito tempo na sociedade, sendo, portanto, uma herança que o sistema patriarcal nos deixou. Para representar essas questões, tem-se a obra *Dom Casmurro 1999*, de Machado de Assis, que traz uma forte alusão e crítica ao referido sistema. A personagem Capitu tem sua voz construída a partir dos outros, quase nada provém dela, configurando um silenciamento característico ao das demais mulheres no mundo. Para conhecermos um pouco sobre ela e para respeitá-la enquanto ser discursivo teve que adquirir a sensibilidade de ler as entrelinhas das falas do nosso problemático narrador. Procuramos, através da pesquisa indutiva, investigar e analisar essas vozes, para isso ressaltamos como a construção dessa personagem aconteceu, analisando o discurso do narrador sobre ela, usando como meio também os outros personagens, desta forma, as vozes são os fragmentos que resultam da consciência do narrador e falas dos outros personagens Para chegar à sua voz, optamos por trabalhar a noção de narrador suspeito, uma vez que em seu discurso não é imparcial, analisamos o lugar de fala dela e percebemos que ele lhe foi negado. Portanto, todas as vozes de Capitu advêm do narrador em conexão com as falas dos personagens que também intervêm da perspectiva do narrador, sua construção e sua identidade também é configurada através do narrador, mas o leitor pode acatar em não aceitar essas configurações e construir em si a própria identidade de Capitu, pois a subjetividade não tem espaço na narrativa. Para chegarmos a esses resultados tivemos como subsídios teorias que foram de suma importância para o desenvolvimento da nossa interpretação, entre eles estão: Alves e Pitanguy (1985) que nos norteou sobre o movimento feminista, Orlandi (2007) nos ajudando a entender as formas do silêncio, Del Priore (1997) nos fez entender um pouco sobre a história da mulher no Brasil, Dalcastagnè (2012) de suma importância para conhecermos a teoria do narrador suspeito, Tacca (1983) com as vozes do romance, Assis (1997) e alguns outros.

Palavras-chave: Capitu. Silenciamento. Voz.

ABSTRACT

For a long time, women have been silenced and put in an inferior position before the masculine power. Their voices have been hidden and taken by their fathers or husbands, causing the silencing of female voices. This silencing, along with the oppression suffered by females, came from a logic that has been long consolidated in society, and it is an inheritance of the patriarchal system. To represent these questions, we have the novel *Dom Casmurro*, by Machado de Assis, which brings a strong allusion and criticism of the aforementioned system. The character Capitu has her voice built from others, as almost anything comes directly from her, configuring a silencing characteristic also of other women in the world. To know a little about her and hear her voice, i.e., to respect her as a discursive being, we must acquire the sensibility to read between the lines of our problematic narrator's speech. We sought, through an explanatory research, to investigate and analyze these voices. For such, we pointed out how this character's construction was manufactured, analyzing the narrator's discourse about her, and also using other characters as mediums. This way, the voices are fragments from the narrator's conscience and speeches of other characters, so this construction was made via the narrator and author, and not from herself. To get to her voice, we opted to work with the notion of "suspicious narrator", since his discourse is not impartial. We analyzed her speech place and actually noticed what he denied her. Therefore, Capitu's voice always comes from the narrator: in other words, her subjectivity has no place in the narrative. To get to these results we had the following theoretical support: Alves and Pitanguy (1985), to guide us through the feminist movement; Orlandi (2007), to help us comprehend the shapes of silence; Del Priore (1997), to understand a little about women's history in Brazil; Dalcastagnè (2012), very important with the "suspicious narrator" theory; Tacca (1983), with voices in the novel, among others.

Key words: Capitu. Silencing. Voice.

1 INTRODUÇÃO

Hoje, em pleno o século XXI, muito se fala em silenciamento de vozes femininas, mas esse silêncio se perpetuou durante muitos anos e isso era produto de um pensamento já consolidado em uma sociedade com padrões machistas, que vem acontecendo desde o século XVIII tudo isso imposto pelo patriarcalismo.

Percebemos que essas vozes silenciadas foram arquivadas durante muito tempo. Concordamos com Alves e Pitanguy (1985) quando nos dizem que tem sido consenso que desde a Idade Média a mulher é silenciada e colocada em posição de inferioridade perante a igualdade de gênero e diante do poder masculino, devido à figura feminina ser vista como inferior em todos os setores, nada era voltado para elas, entretanto lutam constantemente pela igualdade de gênero na educação, no trabalho e na vida social. Desde muito tempo que elas vêm resistindo a essa sociedade com valores patriarcais, oprimindo-as em todos os setores.

Levando em consideração os estudos de Alves Pitanguy (1985), durante muitos séculos a figura feminina foi silenciada, e as vozes que existiam advinham de outras pessoas. Sendo, portanto, vista como um ser inferior ao homem em todos dos seus aspectos. Aspectos esses acarretados através da dominação masculina patriarcal imposta desde o século XVIII até o início do século XX em que todos os valores tinham apenas participações e vozes dos homens.

Devido às mulheres serem vistas como um ser incompleto que não podiam tomar conta de si tanto para os homens quanto para a sociedade, suas vozes não tinham vez. Podemos perceber essas vozes mudas também na ficção, pois já não existem fronteiras entre real e o irreal, uma vez que a literatura vem representando cada vez mais a realidade tal qual.

Como exemplo dessa abordagem implícita e explicitamente de questões sociais do seu tempo, são as personagens femininas, que na maioria das vezes são silenciadas e suas vozes são configuradas através de seus narradores que normalmente são masculinos, representando assim, o que acontecia no contexto patriarcalista uma vez que a ficção estabelece limites com o real.

Como exemplo dessas figuras femininas que têm suas vozes silenciadas e configuradas por outras pessoas, é a obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis, obra escrita em 1899 em pleno contexto patriarcal.

A construção da personagem Capitu que advém do narrador representando assim o que acontecia na realidade. Portanto a análise dessa construção e do silenciamento que possa envolver essa personagem é o que constitui o *corpus* da nossa pesquisa.

Diante disso, nosso estudo tem como objetivo analisar as vozes de Capitu que advém do outro ou seja do narrador, o nosso, considerando que essa personagem está inserida numa narrativa em primeira pessoa feita por um homem, Bento Santiago, esse personagem/narrador conta sua própria história de vida e nessa história temos a vida da personagem Capitu. Uma vez que essas concepções de Capitu desagua na narrativa de Betinho intercalado aos personagens e é através disso que chegamos a Capitu.

Os questionamentos centrais que guiaram nossa pesquisa giram em torno dos aspectos silenciados da personagem, tentamos analisar e refletir até que ponto Capitu é realmente Capitu e como a construção dessa personagem acontece, a partir do que os outros personagens dizem sobre ela na narração de Bentinho, diante disso buscamos compreender, descrever e interpretar as vozes de Capitu enquanto interdito pelo o narrador.

A escolha desse *corpus* se deu por uma questão de afinidade em decorrência do estudo feito na disciplina de Literatura Brasileira II, durante a graduação do Curso de Letras, por meio do que trabalhamos e exploramos na obra. Ressaltamos também que, além de trabalhar com a obra foram elaborados seminários e executados ao longo do Estágio Supervisionado II do Curso.

Nossa pesquisa comunga com a concepção de Andrade (2009) nossa pesquisa é descritiva, uma vez que analisamos, descrevemos e compreendemos as vozes de Capitu que advém do outro e como isso influenciou a construção da personagem. Nosso estudo foi bibliográfico, pois nos utilizamos de fontes secundárias, a fim de enriquecer a nossa abordagem.

Parafraseando Andrade (2009) o método dedutivo parte do geral para o particular, sendo assim nosso estudo foi dedutivo, pois partimos da leitura da obra para teorias que ajudem a aprofundar essa análise. Nossa pesquisa fundamenta-se em métodos históricos, pois, além da obra, a história social da mulher e o movimento feminista ampararam nosso estudo.

Nossa pesquisa se estabeleceu num estudo qualitativo uma vez que nos aprofundamos das vozes de Capitu e interpretamos como a construção da personagem ocorreu, seguindo a perspectiva de Denzin e Lincoln (2006) que a pesquisa qualitativa

envolve uma interpretação do mundo na qual os pesquisadores estudam coisas e tentam entender como elas acontecem.

O nosso percurso se deu primeiramente através de uma análise da obra Dom Casmurro sob um ponto de vista diferente, tentando entender como a construção da personagem Capitu aconteceu acatando o lugar de fala dela e como o contexto histórico e os aspectos ideológicos influenciam as partes que perfazem as interpretações nessas construções.

Veremos um pouco sobre a história da mulher, feminismo, e dentro deles focaremos no patriarcalismo, vale ressaltar que o livro é publicado nesse mesmo contexto do século XIX, ou seja, no auge desse espaço patriarcal. Em seguida, iremos voltar um pouco para o narrador/personagem uma vez que o que nos chega sobre Capitu é a parti da configuração dele. Abordamos isso também para tentar compreender suas entrelinhas com a narrativa, iremos analisar Bentinho numa perspectiva de narrador suspeito e o lugar de fala da personagem, tentando compreender um pouco sobre Capitu.

No decorrer dos capítulos iremos analisar também o final do livro, tentando interpretar o exílio de Capitu como uma fuga diante do social, para evitar escândalos em um contexto imposto pelo patriarcalismo, remetendo as relações de poder subjacentes, citaremos também os estereótipos lançados nessa narrativa no intuito de entender porque uma mulher não pode ser astuta recebendo como castigo o exílio.

Nossa abordagem teve como aporte teórico Alves e Pitanguy (1985), que nos nortearam com suas discussões acerca do feminismo; Cândido e Rosenfeld (2002), que contribuíram com a personagem da ficção, uma das teorias essenciais para a análise do *corpus*, para ressaltar e nos fazer conhecer a história da mulher no Brasil abordamos as teorias de Del Priore (1997), Ferreira (2004), para traduzir o século XIX suas contribuições nos fizeram entender o que acontecia naquela época, Gomes (1967), com o enigma de Capitu, que trouxe novas noções sobre ela, uma vez que trabalhamos com o silenciamento das vozes foi essencial abordar Orlandi (2007), que trouxe muitas contribuições com as formas do silêncio, Dalcastagné (2012) com literatura brasileira contemporânea, Ramalho (1999), enfatizando proposta e reflexões sobre literatura e feminismo, entre muitos outros que serviram de norte/base para nosso estudo.

Sendo assim, acreditamos que nossa abordagem pode contribuir positivamente para trabalhos nessa mesma perspectiva de silenciamento das vozes femininas e para pesquisas em torno da complexidade do narrador em primeira

pessoa. Ressaltamos também que nossa pesquisa possa servir para ampliar estudos em torno dos operadores da narrativa e narrador, servindo para alguns estudiosos da área refletirem e ressignificarem suas perspectivas sobre esse assunto.

2 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO A RESPEITO DA HISTÓRIA DAS MULHERES

Ao longo da história da humanidade, as mulheres tiveram sua imagem refletida sob a ótica dos homens, acreditamos que muito antes do Cristianismo o ser feminino já sofresse prerrogativas imposta pela masculinidade. A figura da mulher raramente era apresentada pelos historiadores, já que essa função era desenvolvida por eles e eles pertenciam a uma sociedade patriarcalista que só desvalorizava a mulher.

É relevante ressaltar que patriarcal é um sistema social, em que os poderes primários desse sistema eram voltados e predominados sobre liderança masculina na qual todas as funções de uma sociedade contemporânea eram único e exclusivo dos homens, em outras palavras e conforme Saffioti (2011), o homem era quem dominava as mulheres, devido a isso elas não tinham vez em nada.

Imagine só o constante desconforto que foi para as mulheres, quererem estar presentes em todos os âmbitos de uma sociedade que lhe diz o tempo todo que isso não são coisas de mulher, isso era o que acontecia muito durante o século XVIII ao início do século XX. Conforme Del Priore (2001), durante muito tempo as participações das figuras femininas nas esferas sociais, políticas e históricas foram ignoradas ou minimizadas, uma vez que as produções das mulheres e os olhares direcionados a elas não era papel e muito menos preocupações dos homens, nada se encontrava sobre elas, nem discursos nem participações delas, tudo isso acarretado através da opressão da época.

Vejamos o que nos diz Dalcastagné (2012, p. 63), “à indagação, tão mais verdadeira quanto mais desconforto nos traz, dá conta da angústia de quem não tem certeza de seu papel no mundo”. Assim, viviam as mulheres durante muito tempo, acreditando não tinha função a exercer, por isso eram obrigadas a serem submissas seguindo um governo patriarcal a todo instante, embora seus desejos fossem outros.

Todas as questões referentes às mulheres eram resolvidas ou tratadas com os homens, eles eram quem as representavam em todos os setores e a todo estante, devido ao embasamento dos poderes machistas as vozes das mulheres sempre tinham que advir do outro e não dela, mesma tinha que ser do seu pai ou do seu marido ou irmão. Devido às culturas e os valores serem hierarquizados o poder masculino era exercido totalmente sobre elas.

Alves e Pitanguy (1985), ressaltam que essa posição patriarcal em representar as vozes femininas, decidir por elas, tomar posse delas ou até mesmo falarem por elas, prejudica muito as mulheres, pois limitava, oprimia e desviava os horizontes referentes ao mundo feminino. Mas o problema não era somente limitar os horizontes mas seus direitos, essa desigualdade prosseguiu por muito tempo, uma vez que o sexo feminino era tratado como um ser irracional..

Acreditamos que existem ainda aqueles que ignoram esse problema de submissão, de vozes mudas, dos direitos reivindicados sem sucesso, mas também acreditamos que muitos ainda irão escrever em suas obras sobre esse tempo, tempo esse em que as mulheres viveram com o intuito de denunciar a opressão e o regime autoritário do patriarcalismo daquela época.

De acordo com Alves e Pitanguy (1985), Os poderes patriarcais as mulheres eram administradas antes de casar pelo seu pai, ele era quem escolhia com quem ela ia casar, ou melhor, dizendo qual era o dote que ele ia aceitar. Depois de casadas, as mulheres continuavam a ser administradas, mas por seus maridos. Esse poder machista perpetuou-se até meados do século XX, as abordagens impregnadas pelo poder patriarcal é o que nos assusta, pensemos junto como as mulheres conseguiram resistir em um tempo desses, em que não se tinha o direito básico de respirar só, tudo era dependente do sexo masculino.

As mulheres vivam alienadas a esse processo de submissão de suas vozes de serem silenciadas e representadas pelos outros, os componentes do poder hierarquizado as impediam de circularem em seus contextos históricos ou sociais, eles tinha o domínio delas e o poder em cima das vozes delas.

Conforme ressalta Del Priore (2012), as mulheres viviam em espaço privado, muitas vezes nem a igreja elas podiam ir, tinham que ficar apenas em casa cuidando dos filhos e dos maridos, a figura feminina não podia circular na sociedade em que vivia, tinha que obedecer ao que era predestinado a elas com uma complexidade referente à vida patriarcal.

Se essa dominação masculina tivesse acontecendo até os dias atuais, estaríamos indagando o mundo com perguntas referente às mulheres, uma vez que não tinham documentos historiográficos nem discursos referentes a elas, mas ainda bem que se perpetuou. Alves e Pitanguy (1985), sobre isso, dizem: “de fato, a mulher tem sido uma parte silenciosa da memória social, ausente dos manuais escolares e dos registros históricos”. Entretanto devido à esse desfalque pouco se sabia sobre a mulher.

O reflexo social e histórico dos séculos XVIII e XIX influenciava não somente o poder masculino no real, mas também no ficcional, pois representava na ficção o que acontecia na realidade. Começaram então a surgir várias inquietações referentes às

mulheres, pois por muito tempo elas resistiram a esse poder impregnado diante das historiografias sobre elas.

A partir da década de 1960, começaram as reivindicações por igualdade de gêneros, mas antes dessa década já havia manifestações, digamos que um pouco silenciosa, pois não era muito divulgadas, mas que apesar de tudo trouxeram significações para as reivindicações futuras.

Tilly (1994) aborda em seu artigo “Gênero, história das mulheres e história social” que em 1970 o capitalismo veio para desimpregnar o patriarcado, a partir do momento que ele se tornou a forma de organização econômica e social, esse sistema não acabou o machismo, pois ele continua em todas as esferas, mas acreditamos fortemente que ajudou a dar um pouco de vozes as mulheres até então ocultadas.

É nessa mesma década de (1970), que Cunha (1997) nos traz notificações sobre as produções historiográficas fortemente marcadas pela influência marxista, que vê a opressão feminina em função do capitalismo, e a perspectiva de análise será o mundo de trabalho. Em suas abordagens o autor nos norteia que na década seguinte ocorre uma inovação nos estudos sobre as mulheres, usando a utilização do gênero como categoria para análises, procurando estudos relacionados e incorporados entre o sexo feminino e o sexo masculino.

Esse dilema apesar de já existir há muito tempo, acreditamos que demorou em poder aparecer, como alguns dos escritores não se interessavam em escrever sobre as mulheres, desconheciam suas histórias, e tampouco poderão prescindir delas. Para Dalcastagné (2012), o tempo vivido ou perdido no passado talvez não seja escrito, só restou aos escritores tentar dar conta, aproximando, insistindo ou imaginando o mundo em que as mulheres viveram.

Foi em 1980 que começaram as primeiras narrativas historiográficas sobre as mulheres no Brasil, essas narrativas foram fortemente marcadas pelas preocupações com a opressão e a dominação diante da mulher. Vários escritores como Silva Dias e Soihet abordaram essas temáticas conforme nos relata Del Priore (1994).

Surge então, a pergunta “onde estavam as mulheres esse tempo todo que não reivindicaram”. Estavam confinadas no espaço privados e domésticos, estando muito ocupadas para serem percebidas pelos historiógrafos da sociedade vivida por elas.

Del Priore (1994), afirma que as mulheres resolveram acordar diante da desigualdade social, as mudanças de pensamentos eram acarretadas através da proporção do capitalismo na organização do trabalho social, a figura feminina começou a enxergar essa desvalorização e surgiram ainda na década de 1980 várias contribuições da história da cultura que ajudaram a desenvolver produções históricas

acerca da mulher, tais como documentos historiográficos sobre elas que até então eram irrelevantes para o campo de investigação.

Não desconsideramos as ampliações que aconteceram na década de 60 que citaremos mais adiante quais foram, esses movimentos influenciaram fortemente para as ampliações e inovações sobre a figura feminina, surgiram pesquisas com temas ligados a elas, tais como: família, maternidade, gestos, corpo e varias outras.

Vejam os que dizem Alves e Pitanguy (1985, p.41): sobre as reivindicações das mulheres, que foi “através de uma luta constante por seus direitos, as mulheres trabalhadoras romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações em todas as esferas sociais, políticas, e públicas tanto capitalistas quanto socialistas”. Ou seja, as mulheres começaram a lutar por reivindicações em todos os âmbitos em que elas conseguiram ter direito.

E assim, os processos de reivindicações só aumentavam, foram sendo alcançadas conquistas nos setores de situações trabalhistas, políticas, empresárias, e principalmente de liberdade de gênero, mas infelizmente nas esferas domésticas as mudanças ocorreram em um ritmo mais que lento. Acreditamos que ainda existiam pessoas, ou melhor dizendo, ainda existem pessoas que têm em si sedimentado a ideia de que a mulher tinha apenas que cuidar da casa, dos filhos e do seu marido.

Dalcastagné (2012) nos diz que essa desvantagem só era possível porque a sociedade já era marcada por desigualdade de gênero durante muito tempo, e que quase ninguém pensava nessa democratização ou nessa igualdade.

Diante das reivindicações por igualdade de gênero, as mulheres começaram a invadir um território até então com predominâncias masculinas a partir de algumas reivindicações atendidas, como a liberdade de seus espaços. A figura feminina teve contribuições e um acesso maior ao trabalho e a cultura muitos outros direitos relativos à elas foram questionados e atendidos, que entre eles, está à conquista do voto feminino ocorrido em 1932, que foi marcado por um momento constante de lutas para mudar a recriação dos direitos igualitários.

As submissões que as mulheres sofriam as levavam a uma luta árdua, através da qual conseguiram adquirir independência e superações. Como seria se essas mulheres não tivessem ido às ruas lutar por seus direitos, acredito que hoje não teríamos nem direito de ir à igreja, pois se não houvesse opressão não tinha resistências.

Pensando nessa forma de resistência a opressão que as mulheres viviam e ressaltando que a ficção representa a realidade conforme citamos acima, evidenciando também que esta resistência é a ponte comparativa do capítulo com a obra. Apresentamos aqui uma obra que é exemplo disso e que constitui o *corpus* da nossa pesquisa *Dom Casmurro*,

romance de Machado de Assis, retrata em si essa resistência em período cheio de regras impostas a todo tempo diante da mulher

Depois do que foi explanado acima iremos agora fazer uma ponte comparativa da obra *Dom Casmurro*, abordando a personagem Capitu como figura significativa e contextualizando-a com a história da mulher.

Vale salientar que o romance *Dom Casmurro* foi escrito em 1899, publicado pela livraria Garnier em 1900, desenvolvida nesse mesmo contexto de opressão e resistência que as mulheres viviam. O escritor traz nesse romance críticas e resistências sobre a construção social, política e histórica da sociedade brasileira. Machado de Assis é um escritor que se aproveita das relações sociais para dar ênfase e formar as suas narrativas.

A personalidade de Capitu traz em si funções a exercerem. Essas funções referentes à suas atitudes vão contra todos os padrões impostos pela sociedade, representando assim a crítica Machadiana. Mas essa representação da realidade que acontecia em *Dom Casmurro* só foi possível porque Capitu realmente tinha essas funções de ser representada na narrativa, conforme nos diz Candido (2011) que a verdade da personagem não se relaciona com a vida através da observação do autor, mas, da função que ela exerce no romance.

Ao analisar *Dom Casmurro* é fundamental pensar o lugar da mulher na história, precisamente no Brasil do século XIX/início do XX, pois nessa época as mulheres se encontravam submetidas e silenciadas, suas vozes eram configuradas por outros, uma vez que nosso enfoque é sobre o silenciamento de Capitu e sua representação na narrativa se dá através das vozes dos outros personagens, mas especialmente do narrador, Bentinho.

O romance é um exemplo muito bem exposto daquela representação masculina que os homens tinham sobre as mulheres, silenciando-as e colocando sempre em papel de inferioridade, pois o narrador/personagem desse romance, Bento Santiago era quem falava por Capitu, tudo que sabemos sobre essa personagem é através da narrativa dele. Ao analisarmos a obra, acreditamos que o processo mimético da narrativa aponta para a desigualdade de gênero e o silenciamento das mulheres na vida real, e que ao analisar tal silenciamento é possível pensar nas possibilidades de fala de Capitu.

Essa história representa bem a realidade patriarcal impregnada na sociedade, pois os personagens de Machado tinham uma ligação forte com tal realidade, sobre isso Stein (1984) nos ressalta que essa ligação das personagens machadianas com o contexto sócio histórico é um aspecto claro na condução de seus escritos, sobretudo quando se trata da subordinação da mulher ao homem diante do casamento. Como exemplifica nesse trecho, que crítica implicitamente a forma imposta pelo sistema para

os casamentos da época [...] “As mulheres têm que ser sujeitas a seus maridos... [...] do mesmo modo, vós, marido, coabitas com elas, tratando-as [...] como **vasos mais fracos**, e herdeiras convosco da graça da vida” [...] (ASSIS,1999 p. 163, *grifo nosso*).

Percebe-se no trecho, especialmente no nosso destaque o quanto a mulher foi vista como inferior e secundária em relação à posição masculina, a expressão “vasos mais fracos” representa bem essa opressão a mostrar com precisão a desigualdade de gênero que as mulheres sofriam. Mas isso era normal naquela época uma vez que as mulheres nasciam e cresciam rodeadas desses autoritarismo. Conforme diz Santos (2012) os modelos patriarcais eram os únicos respeitados por quase todos, em virtude disse algumas mulheres achavam normal esse modelo social, em a mulher ser sujeita ao homem, pois era o que se passava na época, primeiro você era sujeita ao pai, depois ao cônjuge.

Mesmo sendo silenciada Capitu sempre lutou e foi resistente a isso, pois ela não acreditava que o papel da mulher fosse apenas cuidar da casa, dos seus maridos e dos seus filhos, ela tinha ideais concretos, sendo à frente do seu tempo, não aceitava as proibições que lhe foram feitas, mesmo na condição de não ter palavras. Vejamos o que o próprio narrador relata sobre a personagem: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem” (ASSIS,1999, P.52). vejamos aqui que essa personagem era mais destacada do de muitos homens, que ela era mais mulher do que Bentinho era homem, pois ele não tinha as decisões que Capitu tinha referente a quase tudo.

Essa resistência à opressão é bem representada pela personagem Capitu, uma mulher que tinha personalidade forte, dona de si e dos seus sonhos, personagem essa que ia contra a sociedade que dizia o tempo todo que ela tinha que ser donzela e supérflua para os parâmetros femininos da época.

As resistências das mulheres em não aceitarem essa desigualdade de gênero só continuavam, apesar delas já estarem incluídas em setores que não eram somente privados, elas procuravam em suas lutas direitos trabalhistas igualitários, pois elas faziam as mesmas tarefas e as mesmas horas de trabalhos que os homens e recebia um salário bem menores que os deles só porque eram mulheres.

Devido a suas lutas árduas e nada fáceis, as mulheres vêm conseguindo cada vez mais espaços importantes no meio social, e não foi tarefa fácil deixar essa ideia do passado de que as mulheres eram limitadas apenas para o espaço privado, pois isso já era impregnado na sociedade. Capitu era assim, lutava por tudo que ela quisesse e fosse do seu interesse independente do que a sociedade dizia, pois ela era determinada e hostilizava por uma melhoria nas condições sociais

Capitu desde pequena era artilosa, vigorosa e dona de um olhar marcante, inteligente e cheia de articulações, muito atrevida para a sua época. Podemos observar isso em um trecho do capítulo XVIII “como vês, aos quatorzes anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois” (ASSIS, 1999).

Mesmo de família simples, humilde, mas Capitu sempre foi independente. Percebemos o quanto ela era visionária do seu tempo em suas atitudes ela não aceitava essa submissão e lutava contra isso, a favor dos direitos igualitários, muito diferente da mulher vista como modelo patriarcal do XIX. Essa personagem tem destaque, apesar de não ter voz representar resistência e chamar atenção pela audácia e sua inteligência significativas.

As lutas não são simplesmente por direitos igualitários, mas também por respeito, pois ainda no presente século XXI a falta de respeito e a desigualdade de gênero ainda rodeiam as mulheres, fazendo sofrer opressões e violências, isso também ocorre com Capitu pelo simples fato dela não se oprimir diante disso sofria subjugações e repressões só porque ia contra os valores patriarcais da época. Isso acontece principalmente nos âmbitos que as mulheres já vinham reivindicando seus direitos, mas já existe a lei Maria da Penha que já foi uma das conquistas das mulheres para combater essa violência.

Capitu também sofreu diante da desigualdade de gênero, conforme Stein (1984) aborda em suas teorias, apesar de Capitu ser esperta, inteligente, muito curiosa e ter um desejo em aperfeiçoar seus conhecimentos, não há nenhum trecho na obra que mostre com clareza que a mesma tenha seguido uma profissão, mas ingressou em muitas coisas conforme se relata no trecho abaixo.

As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. [...] gostava de saber de tudo. No colégio onde, desde os setes anos, aprendera a ler, escrever, e contar, francês, doutrina e obras de agulhas, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda [...]. Se não estudou latim com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas, Capitu confessou-me um dia que esta razão ascendeu nela o desejo de o saber. (ASSIS, 1999, p.54)

Capitu sempre foi à frente dos padrões quanto mais lhe diziam que não era coisa de mulher sensata fazer ou se interessar, mas despertava nela a vontade de fazer, resistia e enfrentava todas as imposições daquela época. Vejamos o que diz Stein sobre isso no trecho abaixo:

[...] temos aí um caso de uma mulher que quer saber mais do que lhe permitia, quer saber o que não se permite, e por que não se permite. Machado nos apresenta uma personagem feminina que se lembra e se refere a um episódio de limitação exclusivamente ao seu sexo que não aceitava e à qual especificamente, reage. (STEIN, 1984, p. 66)

Capitu nunca aceitou as ordens que lhe foram dadas, lutava e contestava o porquê disso, nunca aceitou essas opressões em silêncio, apesar de se tratar de uma obra que ela não tinha voz proferida por ela mesma, e tudo o que nos foi repassado era através de seu narrador, apesar disso Capitu vai além do que é permitido para lutar, contestar pelo o que ela queria e não hesitava em ter atitudes que para sua época era avançadas, no intuito de conseguir com determinação o que ela queria.

Como Capitu era resistente e determinada para ocupar um espaço que por direito de igualdade de gênero era seu, se encaixa perfeitamente no movimento feminista que será um dos nossos próximos capítulos que de uma importância tremenda na história da mulher, pois ampararam juntos os direitos reivindicados, ambos lidam com os mesmos ideais a fala e a história da mulher agora não emerge mais do silêncio que por muito tempo foi perdurado.

Hoje lutar por seus ideais e por rupturas em ditadores que nos dizem o tempo todo o que fazer e como ser é normal, mas antes a história da mulher foi fortemente marcada pela luta árdua e lenta. Hoje, as mulheres transformaram seus direitos e seus silêncios em protesto e são amparadas por muitos movimentos e um deles é o feminismo.

Para entendermos mais um pouco do contexto histórico do romance *Dom Casmurro* é contextualizado com a história da mulher e para conhecermos mais um pouco a personagem forte e determinada que Capitu é apesar de não ter voz própria na narrativa, vale-se ressaltar um pouco sobre essa conjuntura, então convidamos vocês leitores a passear um pouco sobre o contexto histórico da obra na qual ela foi narrada, para que possamos conhecer a representação crítica do patriarcalismo do real para o ficcional impregnado no romance.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS HISTÓRICOS DE *DOM CASMURRO*.

A obra *Dom Casmurro* foi escrita em 1899 e publicada em 1900 em um contexto de grandes transformações políticas e sociais que rodeavam o final do século XIX e o início do XX, com discussões acerca dos valores da república que permeavam a sociedade. A cidade em que o romance é estruturado é o Rio de Janeiro que era a capital do país na época de 1763 até 1960. O romance se passava na Rua de Matacavalos, no ano de 1857 em um contexto ainda do Império e da escravidão, as quais podem perceber no trecho abaixo.

Queria as notícias das tribunas da Capela Imperial e dos salões dos bales. Nascera muito depois daquelas festas célebres. Ouvindo falar várias vezes da Maioridade, teimou um dia em saber o que fora acontecimento; disseram-lhe, e achou que o imperador fizera muito bem em querer subir ao trono aos quinze anos. (ASSIS, 1999, p.69)

Como o Rio de Janeiro era a capital do Império, o foco político acontecia nela, como à coroação de Dom Pedro II em 1841, entretanto a obra foi transfigurada do contexto real para o ficcional, representações de situações reais aconteciam a todo o momento nos trechos da obra, vejamos o tema Império abordado em um deles: “Em caminho, encontramos o Imperador, que vinha da Escola de Medicina. O ônibus em que íamos parou, como todos os veículos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche Imperial passasse” (ASSIS, 1999, p.64).

Achamos necessário ressaltar sobre a fase em que o romance foi escrito, Machado de Assis passou por duas fases: a romântica e a realista. Foi na fase realista que a obra foi desenvolvida, nessa fase os escritores procuravam através da literatura denunciar o que acontecia na realidade, não omitia nem escondia os acontecimentos da vida real, como nas outras fases, mostrava principalmente os pontos negativos que eram encobertos por debaixo dos panos por uns escritores.

A narrativa realista não enfatizava mais a mulher como um ser idealizado nascido para obedecer a seus maridos ou pai conforme era na fase romântica. Mas sim uma mulher de garra, que tentou ser dona de si, como Capitu e como outras diversas mulheres que lutaram para mudar a sua história e a ideia de que a elas tinham que viver

em prol dos valores e costumes masculinos, por isso a personagem da obra *Dom Casmurro* chama atenção dos seus leitores com suas atitudes ardilosas.

Capitu vem para contribuir ainda mais para a história da mulher, rompendo com o contexto que diz que a mulher é frágil. A obra vem denunciar a desigualdade e o preconceito opressivo que as mulheres viviam. O contexto que o romance estava situado era abolicionista, republicano, burguês, em plena Revolução Farroupilha, os trechos da narrativa vem contextualizar a luta árdua que foi às reivindicações das mulheres.

Capitu era o tipo de mulher inaceitável para os paradigmas da época, Machado entendeu o grito feminino e criou essa personagem para mostrar que a mulher não podia ser submissa e podia ter o controle da sua própria vida, quebrando todos os tabus desse tempo. Mesmo as mulheres já tendo um pouco de reconhecimento não se abandonava ideia e a imagem de associações a elas como mãe e cuidadora do lar. A cada dia nascia uma nova mulher nesse período, observe no trecho abaixo como era esse nascimento.

Presenciamos nesse período, o nascimento de uma nova mulher nas relações da família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maturidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada aos maridos e às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo, representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Verdadeiros emblemas desse mundo relativamente fechado, a boa reputação e a articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo marcaram o processo de urbanização dos pais. (D'INCAO, 1997, p.01)

Nasciam novas mulheres, mas tudo ainda continuava impregnado na sociedade machista, conforme vimos na citação acima na parte que diz que as esposas eram dedicadas aos filhos e aos maridos. As mudanças foram e ainda são lentas, mas muito espaço hoje em pleno o século XXI já nos foi dado, tudo isso decorrente de lutas constantes daqueles que não se deixaram oprimirem diante dessas ditaduras. Capitu foi resistente apesar de todas as desavenças enfrentadas ela foi forte e lutou.

Capitu, nem sempre representou resistência, esse tal embate dependia da perspectiva e do momento histórico que ela interpretava, trazia em sua personalidade atitudes que pudessem influenciar ou mudar, digamos assim, as mulheres que viviam em prol do que o poder masculino hesitava. Nossa personagem entrou em contrapartida diante disso tudo, se pensarmos um pouco no contexto de Capitu nos deparamos com

influências fortíssimas adquiridas dentro da sua própria casa, pois seu pai o senhor Pádua representava no romance a figura de um pai frágil e dependente da sua esposa, mãe de Capitu, no caso a dona Fortunata, na qual podemos perceber isso no trecho abaixo.

Pádua era empregado em repartição dependente do Ministério de Guerra. Não ganhava muito, mas a mulher gastava pouco, e a vida era barata, demais. A casa em que morava assobrada como a nossa, posto que menor era a propriedade dele. Comprou a com a sorte grande que lhe saiu num meio bilhete de lotérica, dez contos de réis. A primeira ideia de Pádua, quando lhe saiu o prêmio foi comprar um cavalo do cabo, um adereço de brilhantes para a mulher, uma sepultura perpétua de família, mandar vir da Europa alguns pássaros e etc... Mas a mulher, esta D. Fortunata que ali está à porta dos fundos da casa, em pé, falando à filha, alta, forte, cheia como a filha, a mesma cabeça, os mesmos olhos claros, a mulher que lhe disse que o melhor era comprar a casa, e guardar o que sobrasse para acudir às moléstias grandes (ASSIS, 1999, p.14).

Podemos pensar através do relato do narrador que as fortes atitudes de Capitu se concretizaram através das influências de sua própria mãe, pois a mesma era dona de casa e trabalhava como se fosse o homem da casa, e tomava decisões acima das do seu marido. O que era imposto pelo patriarcalismo, na maioria das vezes não tinha poder sobre a classe pobre. Conforme nos diz Priore (1997), os costumes alinhados, eram heranças decorrentes do imaginário aristocrático português, não tinha qualquer influência sobre a população pobre. Talvez fosse por isso que as mulheres da família humilde de Capitu não se oprimiam diante do mundo patriarcal que a sociedade vivia.

As personagens de Machado trazem em si questionamentos para os leitores refletirem, pois apesar delas viverem em uma sociedade opressiva, tinham que lutar serem resistentes corajosas e com pensamentos audaciosos e dotados de mudanças. Elas juntas representam, um pouco da história das lutas árduas que as mulheres enfrentaram.

Capitu, assim como as outras mulheres reivindicaram seus direitos, não aceitava ser dominada, ela rompia as imposições que era pré-estabelecidas pela sociedade diante da estrutura familiar. Quando a mãe de Capitu faleceu foi ela quem tomou de conta do seu pai e da casa, tudo que sua mãe fazia ela continuou a fazer e o pai o senhor Pádua entregou-lhe todas as responsabilidades da casa, essa personagem era o oposto

do que a burguesia queria por isso era motivo de críticas e de maus olhados, podemos perceber que ela foi quem tomou de conta de quase tudo, na passagem desse trecho.

Depois da morte da mãe, tomou conta de tudo. Pádua, agora que se aposentou-se não faz mais que receber o ordenado e entregá-lo á filha. A filha é que distribui o dinheiro, paga as contas, faz o rol das despesas, cuida de tudo, mantimento, roupa, luz [...]. (ASSIS, 1999, p.93)

Situamos aqui, que o pai de Capitu apesar de viver em um mundo a qual essas tarefas eram únicas e exclusivas do poder masculino, não questiona essa posição da filha e nem a coloca á frente dos questionamentos e costumes centrais da época. Nossa protagonista sempre foi audaciosa, casou-se com Bento Santiago, o narrador da obra, mas apesar de tudo tinha o controle de suas finanças também, seu marido assim como seu pai nunca se importou com esse autocontrole que ela tinha, uma vez que era equivocado para aquela época.

O estereótipo de Capitu como mulher independente e ativa diante dos códigos sociais de sua época planifica a personagem a ponto de se esperarem dela as atitudes que de fato toma. Capitu torna-se mais complexa, no entanto, se comparada a Bentinho e ao seu “alto ego” narrador. Dom Casmurro transcende a figura da mulher moderna [...] (RIBEIRO, 2008, p.57)

Capitu era mulher independente, tomava decisões por si só, apesar de ser representada pelo o narrador ele nos mostra que ela não aceitava as críticas e muito menos as ouvia, a história da mulher precisou também de decisões forte, de reivindicações das coisas que deveriam ser delas por direitos próprios. Machado vem nos mostrar o outro lado da mulher que a história não hesitava em enxergar, pois apenas via as mulheres como inferiores que tinham que permanecer em um mundo privado e doméstico. Capitu era uma mulher ativa “Era uma mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até à cabeça” (ASSIS, 1999,p.137).

Tudo que a personagem de *Dom Casmurro* fazia era inerente a críticas, pois durante todo período colonial existia apenas a ideia de mulher perfeita e um único modelo exclusivo de mulher exigido pelo poder patriarcal era a submissa, a mesma foi substituindo e indo contra a todos esses valores, com suas atitudes inerentes a época,

talvez o ponto crucial desse romance fosse criticar o poder, as regras, as opressões, e as desigualdades diante da mulher que vigoravam a época patriarcal, e não a suposta traição conforme muitos estudiosos e leitores acreditam.

Mesmo Capitu sendo uma personagem que não tem voz ativa, pois sua voz era representada pelo o narrado, podemos perceber a forte personagem que ela era, através das ações e movimentações na narrativa que escapava até mesmo da fala de Bentinho. É olhando as lacunas as quais ele narra juntamente com a narração de Machado que configuramos Capitu, pois cada um nos passa diferentes narrativas, para que possamos analisar essa representação do silenciamento.

Acreditamos que essa representação também possa se intercalar na crítica que Machado faz sobre o poder patriarcal que rodeava a sociedade na época de 1890, usando seus personagens para repassar ou problematizar o contexto em que a realidade se encontrava. Observe o que diz Santiago sobre esses hábitos enraizados “Machado quis com Dom Casmurro desmascarar certos hábitos [...] “enraizados na cultura brasileira, na medida em que ela foi batizada pelo bacharelado” (2000, p.46).

Apesar de Capitu ser uma personagem referente ao século XIX tinha posições e ideais para que pudesse ser uma personagem visionária do século XX pois ela tinha atitudes que não se encaixava naquele século, a mesma quebrava paradigmas impostos pela época que ela vivia, apesar de ter uma voz representada e silenciada pelo o outro no caso o narrador intruso. Conforme ele vai narrando podemos perceber alguns indícios de quem era ela, mas infelizmente não podemos saber muito sobre ela uma vez que ela era configurada e silenciada pelo o narrador/personagem. Nunca saberemos até que ponto Capitu era Capitu, mas acreditamos que ela era mais mulher do que muitos homens e melhor ressaltando mais mulher do que muita mulher, pois lutava e reivindicava por seus direitos em mundo machista.

A luta das mulheres é uma tarefa constante, são lutas cotidianas e muitas vezes silenciosas, já que o silêncio se repercutiu durante muito tempo entre elas, ressaltamos que devido a esse silenciamento e as configurações que as vozes das mulheres tinham iremos trabalhar no próximo capítulo as formas de silêncio, acreditando que essas vozes silenciadas sejam também representadas no romance citado acima. Uma vez que a personagem principal do enredo é transfigurada por outras pessoas, silenciando-a e a colocando em papel inferior.

Acreditamos que esse silêncio possa intercalar com crítica de Machado diante da sociedade patriarcal, esse silenciamento nos faz pensar que as mulheres sempre eram representadas por alguém e não podia ter em si uma voz que fosse dela mesma ou até

uma posição igual à Capitu, em não aceitar o que era imposto ou predestinado pelo sistema da época.

3 O SILENCIAMENTO DE CAPITU

Nosso interesse nesse momento é evidenciar o silenciamento de Capitu na obra *Dom Casmurro*. Diante da perspectiva que estamos analisando é preciso desde o início situar o leitor sobre dois conceitos que se aproximam muito, mas têm naturezas um pouco diferentes, trata-se da distinção entre silêncio e silenciamento. Antes de refletir sobre cada um dos conceitos e para podermos entender melhor como a voz de Capitu foi silenciada, observaremos o trecho abaixo que Orlandi (2007) insere em seu livro *As Formas do silêncio*:

O estudo do silenciamento (que já não é silêncio, mas “pôr em silêncio”) nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos fazem entender uma dimensão do não-dito [...]. O silêncio foi relegado a uma posição secundária como excrescência, como o resto da linguagem não dita. (ORLANDI, 2007, p. 12)

Orlandi destaca que o silenciamento é ficar ou colocar-se em silêncio e esse processo de pôr em silêncio cria um sentido que está basicamente ligado aos contextos e aspectos políticos, corretivos, históricos, sociais, e entre outros. E que o silêncio não está disponível a uma visibilidade ou a um aspecto “o silêncio pois não é observável passa pelas palavras. Não dura [...] ele escorre entre as tramas das falas” (ORLANDI, 2007,p.32). Não tem como observar, mas sim interpretar esse silêncio, ele acontece de uma forma imperceptível a sua interpretação.

Acreditando nesse processo de ser colocado em silêncio e pensando na opressão que as mulheres viveram e ainda vivem com sua mudez, iremos agora identificar como a construção da personagem Capitu acontece tendo como base as coisas que os outros personagens dizem sobre ela e o que nos chega é através dos fragmentos que o narrador nos permite conhecer, acarretando assim, na construção de um silenciamento.

Ainda na perspectiva de Orlandi (2011), o silenciamento é interligado com o silêncio da censura, impedindo o sujeito de situar em certas descrições discursivas, impedindo também de ocupar certas posições intradiscursivas ou informativas. Na censura está presente a resistência e a luta contra essas posições que de certa forma

silencia o sujeito, pois eles eram impedidos de atuar diante do seu discurso. Esses impedimentos no discurso ou impedimento de fala se fazem presentes no romance *Dom Casmurro* que é o *corpus* da nossa pesquisa, se fazem presentes também na história da mulher, pois as mulheres passaram um bom tempo sendo impedida de discursar tendo seus pensamentos, vontades e vozes silenciadas.

Vejamos como a construção de Capitu ocorre e como aconteceu através do que os outros personagens dizem ou pensam a respeito dela, uma vez que essa obra é narrada em primeira pessoa e que podemos suspeitar desse tal narrador, não tendo, portanto, como saber com exatidão quem realmente é Capitu e quem o narrador e os outros personagens que tem suas vozes também proferida pelo o narrador dizem ser Capitu, uma vez que a mesma não tem voz própria no romance.

Acreditando que a construção e a subjugação de Capitu se dão através dos outros e que essa subjugação está ligada ao silenciamento em que ela passa na obra, trouxemos um trecho que vem nos mostrar como os outros personagens vão situando Capitu, silenciando-a, isso vai acarretando os prejulgamentos dos demais personagens e inclusive do próprio leitor:

[...]Tinha me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim[...]. Não me acode a imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que me fora e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá a ideia aquela afeição nova. Trazia não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados [...] (ASSIS, 1999, p. 69-70).

Podemos perceber no diálogo entre o agregado José Dias e o narrador Bento Santiago não somente na fala deles, mas também na de Dona Glória e de Tia Justina como acontece a construção da personagem, os prejulgamentos que lhe rodeavam só aconteciam por causa do silenciamento que a mesma enfrentava, sua figura vai sendo transformada conforme a narração de Bentinho costurada pela às demais falas dos personagens. Como as mulheres da época (séc. XIX e início do XX) eram mulheres ainda bastantes silenciadas, Machado nos retrata essa mesma conjuntura.

Podemos perceber como a mulher era interpretada naquela época, em que o sistema patriarcal colocava o homem como centro de tudo, e as mulheres tinham que

obedecer a seus pais e depois de casadas, aos seus maridos. Colocando-as em posição de subjugação, pois todos os direitos eram unicamente dos homens. Como a mulher não tinha vez, voz e nem lugar na sociedade restava-lhe um bom casamento, diante desse pensamento quase todas as mulheres faziam um papel de mulher interesseira, pois tinha que casar com um homem que tivesse bons dotes para melhor se viver. Os pensamentos que rodeavam Capitu não seriam diferentes, sendo interpretada com críticas conforme os valores de sua época.

Como para algumas mulheres daquele tempo a única saída para viver bem e conforme os padrões era um bom casamento, tinham que viver submissas aos seus maridos, pois elas não tinham vez, nem direito de exercer qualquer trabalho, elas eram ocultadas e tinham suas “vozes ocultadas” perante a sociedade.

A sociedade impôs que toda mulher que se preze tinha que ter um bom casamento, pois se não fosse assim, elas não tinham do que viver, e porque isso era um dos padrões do patriarcalismo, elas tinham que respeitar e seguir essa ideologia. No trecho abaixo segue a subordinação e ideologia de um casamento como refúgio, a vida que as mulheres eram sujeitas a viver naquela época, que são bem retratadas na fala do agregado José Dias, quando ressalta que Capitu: [...] “tem andado alegre, como sempre; é tontinha. Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que se case com ela [...]” (ASSIS, 1978, p.113). Vejamos aqui, como as pessoas já tinham essa ideia impregnada, parecendo que essa era a única coisa para que as mulheres pudessem viver bem, ser dependente de um bom casamento.

Entretanto, as atitudes e personalidades de Capitu faziam com que ela recebesse muitas críticas, pois ela sempre foi bem decidida, diferentemente de algumas mulheres de sua época que aceitavam quase tudo que era imposto. Capitu foi mais mulher do que muito homem, parafraseando o próprio Machado, lutava por seus sonhos e não se importava com o que os outros iam pensar, era uma pessoa astúcia tinha muitas habilidades, era artilosa perante os fatos, talvez por isso ela sempre fosse vista com maus olhos por alguns personagens da narrativa.

Dialogando com o pensamento de Orlandi (2007), o silenciamento está ligado ao mundo, à sociedade, a uma ação social coletiva, e o silêncio é aquele que advém do silenciamento, de uma ação individual que está relacionado ao não verbal e ao pensamento. Capitu apesar de ser uma personagem bem independente e resolvida, era também silenciada, pois vivia nesse mesmo contexto republicano, onde a sociedade tinha impregnado que a mulher só tinha vez para os afazeres domésticos, cuidar do marido e dos filhos. Podemos ver de forma implícita na narrativa a independência e o

poder que ela tinha dentro desse contexto, mas como ela não andava conforme os padrões ditados nesse contexto, muitas vezes seu poder e independência na trama eram passados como aspectos negativos, pois isso não foi o lugar construído para as mulheres da época.

Orlandi (2007) afirma que o silenciamento está ligado à política do silêncio, e que por sua vez esta tem duas formas de existência ligada entre o dito e não dito essa relação pode ser interligada através da contextualização sócio-histórica em relação ao que realmente pode se dizer e ao que não se pode dizer, pois podem acontecer situações indesejadas entre fatores discursivos, como exemplo é o sujeito censurado, pois mesmo ele querendo falar é silenciado acontecendo assim, situações indesejadas referentes ao discurso Capitu é um exemplo dessa política do silêncio uma vez que se ela tivesse voz no romance as situações discursivas ocorridas através do não dito dessa personagem seriam diferentes. As críticas e as opressões diante dela seriam contestadas através do que podia se dizer.

As vozes de Capitu são configuradas pelos os outros esses outros sempre estão interligados na narrativa através do narrador, uma vez que eles tinham voz no romance proferida por ele, logo, Capitu foi implacavelmente silenciada, por causa disso muitas críticas foram feitas a ela, acarretando assim, muitas interpretações moralizantes acerca do seu caráter. Apesar de silenciada é uma personagem que luta fortemente por suas conquistas, sempre quem dava as cartas em suas decisões era ela mesma, não precisava da opinião nem o consentimento dos homens ou do seu pai, pois sempre teve opiniões próprias, gestos únicos e curiosidade sobre quase tudo. Vejamos o que nos diz Francisco Pati sobre esses gestos em sua obra “Dicionário de Machado de Assis” (1958, p. 304).

Tinha uma dúzia de gestos únicos na terra, suas curiosidades eram de variadas espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas das graves, outras frívolas; gostava de saber de tudo, gostava de dançar e enfeitava-se com amor quando ia a um baile, os braços eram belos, e pela primeira noite levou nus ao baile.

Percebemos quão visionária é Capitu, pois as mulheres daquela época patriarcal, que viviam sob o autoritarismo antes do século XXI eram tão silenciadas e submissas que não podiam nem perguntar que dirá ter curiosidades como as de Capitu. O silêncio de Capitu modificou um pouco sua história, houveram lutas constantes antes de ser

exilada, casou-se com seu melhor amigo, Bento Santiago, foi acusada de adultério, devido às atitudes que não se encaixavam no sistema republicano do período, foi tão silenciada que tornou-se emigrante e estrangeira depois da suspeita de adultério, pois diante de uma sociedade machista o melhor é expulsar de casa e/ou do país, limpar das vistas das pessoas o acontecimento para sua a imagem social não ser danificada. Capitu sofreu essa opressão, esse castigo, por ser uma personagem forte e colocar a frente seus sentimentos sem se importar com o que iam dizer a respeito dela. Capitu era tão decidida que durante um tempo foi responsável pelas decisões e atitudes de Bentinho, vejamos na passagem desse trecho um pouco de como ela era à frente de Bentinho, apesar de silenciada. O trecho acontece depois do primeiro beijo entre Capitu e Bentinho, nele temos:

Ouvimos passos no corredor, era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria [...] assim, apanhados pela mãe, éramos dois em contrário, ela encobrindo com a palavra o que eu publicava pelo silêncio. (ASSIS, 1999, p. 87-8)

Capitu é bem resolvida diante de todos os seus silêncios e as suas escolhas, mesmo sendo uma personagem que sua voz advém das ações e dos aspectos implícitos podemos perceber, nas entrelinhas das passagens dos outros personagens do romance, que ela era bem decidida, astuta e resolvida. Como no silenciamento tira-se o poder da fala de alguém, vê-se que Capitu passa por isso, pois seu lugar de fala é retirado na narrativa, a maioria dos personagens tem um pouco de fala, pois Bentinho ressalva na sua narrativa a voz deles, Capitu foi colocada em posição inferior porque sempre foi representada, talvez por ser mulher e ser pertencente de uma época machista. Vejamos abaixo um trecho que retrata o modo como o narrador falava de Capitu, e como ela respondia a esse silenciamento e como o narrador a representava.

Quando levantei a cabeça, dei com a figura de Capitu diante de mim. Eis aí outro lance, que parecerá de teatro e é tão natural como o primeiro, uma vez que a mãe e o filho iam à missa e Capitu não saía sem falar-me. Era já um falar seco e breve, a maior parte das vezes, eu nem olhava para ela. Ela olhava sempre esperando. (ASSIS, 1999,p.110)

Vale ressaltar que devido a essa representatividade que o narrador tem em cima da voz dela iremos fazer um sub tópico sobre o lugar de fala de Capitu, no intuito de

fazer o leitor entender um pouco mais sobre esse lugar de fala, e das posições de fala que não foi dada a Capitu, ocorrendo assim um jogo de falas e silêncios perante ela.

Conforme citamos acima, o silenciamento está ligado ao silêncio da censura e ao silêncio da política, Orlandi (2007) vem nos dizer que existem duas formas de como o processo do silenciamento pode ser compreendido. O primeiro é ligado pelo silêncio da censura que é um processo interno, voluntário e passivo de críticas, em que está suposto a mudanças e as coisas não ditas, rodeada através do medo de não achar uma escuta ou ser punido pelo que se diz.

A outra forma do silêncio da política, ressalva que o silenciamento pode ser compreendido através do que é verdade e do que é falsidade na linguagem, e do direito de não poder falar, esse direito retirado da fala pode ser interdito por uma pessoa ou um grupo, em cima de outra pessoa ou de outro grupo. Ou seja, um grupo de pessoas pode silenciar outro grupo de pessoas para melhor se sair.

Sendo assim, acreditamos que a personagem Capitu se encaixa na segunda forma de silenciamento, pois seu direito de fala foi retirado pelo o narrador, no intuito de estabelecer uma conexão entre o real e o imaginário, e representar o que acontecia no contexto histórico do final do século XIX/início do XX. Acreditamos que pode se encaixar pois o impedimento de mostrar o que pensa através da sua voz acontece desta forma, não sabemos com exatidão quem realmente é ela, ocultada a voz do interlocutor impede que este crie ou estabeleça relações de sentidos, criando lacunas e rupturas na construção de Capitu, sobre isso Orlandi (2007) nos diz:

O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedir o locutor de sustentar outro discurso. Em condições dadas fala-se para não se dizer (ou não permitem que se diga) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentido [...] 2007,p.102).

Quando tira o direito de fala de uma mulher em determinadas circunstâncias, você está oprimindo esse ser, e essa opressão está eminentemente ligada à submissão que as mulheres viviam diante do sexo masculino durante o sistema patriarcal. Entretanto, essa submissão que acarreta no silenciamento do sexo feminino é constitutiva, impregnada na sociedade que a perdurou por muito tempo, dificultando construção da identidade e criação do lugar de fala da mulher. O silenciamento das mulheres está constantemente ligado à submissão, pois a opressão acaba retendo suas participações em todas as esferas sociais.

Capitu foi duas vezes brutalmente silenciada, [1] a primeira quando sua voz não teve vez no romance e [2] a segunda quando foi exilada para a Europa, ela foi exilada para lá depois de ser acusada de uma suposta traição, não teve direito de se defender e tal exílio é uma espécie de morte para a personagem, castigo que faz *Dom Casmurro* se assemelhar às demais narrativas da mesma época que trazem o adultério feminino, como *Madame Bovary* (Flaubert), *Anna Karenina* (Tolstói), e *O Primo Basílio* (Eça de Queiroz), por exemplo. Em uma sociedade machista quando a mulher não carregava o sentimento de culpa até decidir se matar (vide os romances citados anteriormente), era melhor silenciar e fazer desaparecer, encobrendo certos acontecimentos, foi o que fez o narrador Bento Santiago com a protagonista Capitu, até porque não se tratava de uma suposta traição, mas de condenações sociais e conjugais que abalaria a sociedade.

Pensando nas construções de identidade e nas características que rodeiam Capitu, trouxemos esse trecho do romance. O narrador nos mostra essa personagem como um ser independente, alta, forte, morena de cabelos longos, astuciosa, cheia de artimanhas entre muitas outras características, na qual podemos perceber abaixo.

[...] não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atacadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhes pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinham a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheirava a sabões finos nem águas de toucador, mas com água de poço e sabão comum, trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos [...]. (ASSIS, 1999, p. 36)

O narrador nos mostra e nos faz viajar nos mínimos detalhes dessa personagem, mostrando ou querendo que o leitor pense que ele conhece sua personagem muito bem, fazendo com que o leitor construa a identidade da personagem. Apesar do narrador e os outros personagens do romance caracterizar Capitu, é o leitor quem constrói em si a identidade dela, mesmo o narrador nos ressaltando essa identidade, e de forma bem implícita, em que ela se entrefaz mesmo nas construções do leitor, usando como subsídio o seu silêncio na narrativa de Bentinho perante as vozes dela.

Levando em consideração o silenciamento de Capitu, a dúvida que nos inquietou referente às vozes de Capitu, foi entender como ela aconteceu, acreditamos que quase todas as suas vozes advêm de Bentinho seguido de Dom Casmurro. No início, ela advém de Bentinho depois sua voz advém do narrador Dom Casmurro, essa representação acarretou no silenciamento dela e negou o seu lugar de fala no romance ocorrendo assim um jogo de vozes. Esse jogo complexo de vozes acaba construindo a imagem de Capitu e isso é a grande sacada de Machado para com a própria forma de composição da narrativa metaforizar o lugar da mulher na sociedade e a complexidade da construção da personagem exemplifica a resistência que há nas mulheres que não se encaixam no molde previsto para ser vivido.

Para entendermos como ocorreu a construção de Capitulina, e como isso aconteceu mesmo a personagem estando em silêncio, vale salientar o que Cândido (1976) diz sobre essa descrição em seu livro *a Personagem da Ficção*. O mesmo relata que existe a descrição física e psicológica. A descrição física ocorre quando o escritor escolhe descrever de uma forma bem objetiva ou subjetiva as características do lado de fora. E a psicológica descreve de forma subjetiva as características interiores.

Para entender a identidade dela, vale ressaltar sobre a descrição de Capitu que é física, pois o autor relata minuciosamente as descrições dela, como age, como o que veste o que gosta de fazer e de não fazer, entre muitas outras. Mas, permite que o leitor desvende o silêncio dela e construa em sua imaginação a identidade dessa personagem, por meio do que eles ressaltam sobre ela.

Para entendermos melhor como o silenciamento modifica a identidade do sujeito, Orlandi (2007) nos diz que quando o sujeito é colocado em silêncio, a construção da sua identidade se dá por meio dos outros, vejamos bem, se estiver em silêncio não tem como desmentir o que dizem sobre você, sendo assim a sua identidade própria que deveria ser por meio de você mesmo, é modificada e construída pelos outros. No caso de Capitu não foi diferente, pois o fato da obra ser narrada na voz e na perspectiva de um homem, Bento Santiago/Dom Casmurro, fez com que a construção da sua identidade fosse alterada, o autor nos permite conhecer um pouco sobre essa identidade na passagem dos seus trechos, uma vez que quer nos fazer acreditar que ele conhece Capitu muito bem, mesmo assim a construção da identidade dela é por meio dos outros e não dela, uma vez que ela não tem voz no romance conforme já relatamos.

Pensando no silenciamento, na opressão vivida por Capitu, no direito de ter voz que lhe foi tirado e pensando também na luta e na determinação dela diante de Para entendermos como ocorreu a construção de Capitulina, e como isso aconteceu mesmo

a personagem estando em silêncio, vale salientar o que Cândido (1976) diz sobre essa descrição em seu livro *a Personagem da Ficção*. O mesmo relata que existe a descrição física e psicológica. A descrição física ocorre quando o escritor escolhe descrever de uma forma bem objetiva ou subjetiva as características do lado de fora. E a psicológica descreve de forma subjetiva as características interiores.

3.1 UM OLHAR SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA

Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, ai fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força da repetição.

Machado de Assis (1999, p. 32)

O feminismo enquanto definição é um “movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos civis e políticos” (OLIVEIRA, 1996, p. 424). Antes de refletir sobre o movimento feminista, gostaríamos de enfatizar no trecho acima a parte que diz que Capitu era mais mulher do que eu era homem, pois entra em conexão com o movimento que deu um novo olhar para as mulheres, pensando na opressão vivida pela nossa personagem em que sua voz é silenciada e seus direitos eram colocados por baixo dos panos, convidaremos agora o leitor para conhecermos um pouco desse feminismo que ampara muitas mulheres. Consideramos a opinião de Alves e Pitanguy (1985), que o movimento feminista surgiu com uma intenção de romper esse contexto hierarquizado, buscando e lutando por direitos igualitários entre os gêneros feminino e masculino.

O livro *Dom Casmurro* tem como palco o Rio de Janeiro na época em que acontecia o Segundo Império, e como essa cidade situa-se no Brasil, focalizamos no movimento feminista no Brasil, mas não esquecendo que esse movimento teve amparos e fortes influências de outros países, como a França, onde muitos estudiosos acreditam que foi durante a Revolução Francesa (1789) e o Iluminismo que começaram surgir os primeiros embriões da luta feministas, vejamos no trecho a seguir o momento em que o feminismo conquista características políticas na França:

É nesse momento histórico que o feminismo adquire características de uma prática de ação política organizada. Reivindicando seus direitos de cidadania

frente aos obstáculos que os contrariam, o movimento feminista, na França, assume um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher. (ALVES E PINTANGUY, 1985, p.32)

Como evidenciou-se o movimento feminista teve início a partir do contexto da Revolução Francesa (1789-1799) e dos ideais Iluministas, esses ideais giravam em torno da igualdade, liberdade, fraternidade entre outros, esse feminismo reivindicava nas esferas sociais, trabalhistas e políticas, devido a essas reivindicações ocorreu na movimentação sufragista que foi a primeira fase do feminismo. No Brasil, esse movimento teve início no século XIX, foi influenciado pelos movimentos ocorridos na Europa e nos Estados Unidos. Essas reivindicações sufragistas remetem aos direitos relativos à política, as mulheres lutavam por representarem elas mesmas em decisões políticas e não de serem representadas por homens. Vejamos aqui um exemplo de Capitu, uma vez que ela sempre lutou em prol disso, para que seus ideais sejam representados, ela é determinada e está contra a forma de vida imposta pelas instituições da época. Com as mudanças ocorridas nas esferas sociais e políticas as mulheres ganharam um pouco de voz, integrando em um mundo na qual só tinha o homem como único participante e representante da sociedade.

Sendo assim, o movimento sufragista ocorreu em prol dos direitos referentes política, um deles era o direito de exercer o voto, as mulheres queriam que um novo olhar fosse despertado para o sexo feminino. Alguns estudiosos contribuíram para esse movimento, a abolicionista Nísia Floresta faz parte dessa contribuição, ela é natural do Rio Grande do Norte e defende os direitos das mulheres, foi uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil, rompendo o limite das mulheres entre o espaço público e privado. Vejamos mais uma vez a insistência de Capitu, pois para ela não existia um espaço que fosse público e privado, conforme exigia o poder da época.

Conforme as mulheres iam se movimentando e reivindicando o direito de exercer funções como as dos homens, o direito de exercer o voto foi dado depois de varias lutas não reconhecidas, foi dado mas apenas as mulheres que não viviam sob custódia dos pais e sim dos maridos, mas as mulheres não aceitaram isso e reivindicaram mais uma vez por esse direito pois eles queriam votar e serem votadas. Em 1931 o governo Vargas liberou o direito para que o ser feminino pudesse exercer o voto, mas era apenas uma decisão provisória. Em 1932 foi decretado no Código Eleitoral o direito das mulheres exercerem o voto, conforme era predestinado aos homens.

Um pouco depois disso, o movimento foi impedido de continuar. Mas as mulheres não pararam aí, o movimento voltou com reivindicações de igualdade de gênero, lutou contra a ditadura militar, contra a opressão vinda principalmente pela supremacia masculina, e contra a violência sexual. Capitu representa justamente a luta contra a opressão e contra a desigualdade de gênero. Alves e Pitanguy (1985) nos dizem que essas novas reivindicações se situaram de início em São Paulo no final dos anos 60, influenciado por professoras universitárias, algumas recém-formadas na Europa.

Elas queriam igualdade, queriam que o ser feminino fosse reconhecido e por fim, que a discriminação que permeava a sociedade acabasse. Consolidando, a segunda fase do movimento feminista. Capitu também lutou pela desigualdade, pois ela queria estudar latim, e Padre Cabral disse-lhe que não era coisa de menina. Vejamos como a discriminação é exemplificada no trecho abaixo:

Só não estudou latim com o Padre Cabral, foi porque depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era línguas de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de saber. Em compensação, quis aprender inglês com um velho professor amigo do pai e parceiro deste ao solo, mas não foi adiante. Tio Cosme ensinou-lhe alemão (ASSIS, 1999, p. 58).

Podemos perceber que as mulheres já vinham lutando por igualdade de gênero durante muito tempo, uma vez que o movimento feminista surgiu muito antes do século XIX, pois estudiosos afirmam que entre os séculos XV e XVIII já havia historiografias com temas ligados à liberdade da mulher, apenas no XIX é que as mulheres acordam diante de um mundo machista e resolvem lutar por seus direitos com o amparo de movimentos feministas. O termo feminista já carrega profundas raízes de direitos negados, sendo assim, fica difícil estabelecer ou definir o que seja feminismo, conforme nos ressaltam Alves e Pitanguy (1985) em seu livro *O que é Feminismo*, lê-se:

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como é todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias (ALVES e PITANGUY, 1985 p,07).

Podemos perceber aqui que não se tem um termo definido para saber o que o movimento feminista reivindica, pois ele já traz tantas bagagens antepassadas e tantas reivindicações de coisas que ainda continua presente em nosso cotidiano, e que mesmo assim, continua reivindicando apesar de ter seus avanços e seus recuos. Ocorreram alguns recuos da segunda fase, mas as mulheres continuaram a lutar.

Após esse período temos a terceira fase do movimento que teve seu início na década de 1990 discutindo paradigmas pertencentes às duas fases do movimento, colocando as mulheres como sujeito coletivo em que elas não são tão diferentes do gênero masculino, que precisam participar da mesma história e dos mesmos problemas, essa fase de um lado foi diferente das outras fases, mas do outro lado não, pois também sofria com as consequências referentes às desigualdades e às diferenças. Vejamos a nova migração de gênero que começava a se fazer presente na sociedade:

De fato, nos finais dos anos 80, e sobretudo, nos inícios da década de 90 verifica-se uma nova migração no discurso sobre gênero, de um paradigma de igualdade dominante no discurso Feminista desde as suas origens e particularmente potenciado (GOMES, 2011, p. 38).

Podemos perceber que essa terceira fase está ligada às novas migrações de gêneros, ela não se torna mais excludentes conforme dizem alguns estudiosos. Mas, agora esse feminismo trabalha todos os tipos de gêneros, ganhando autonomia e conhecimento de movimentos feitos por mulheres negras, lésbicas, trabalhadoras rurais, entre outras, ou seja, do ser feminino que começaram a lutar juntas contra toda e qualquer forma de opressão do ser mulher. Capitu, personagem silenciada conforme viveram as mulheres durante muito tempo, por isso o autor a utiliza para desmascarar essa opressão e representar a mulher oposta à mulher do Romantismo. Capitu valoriza seus ideais, seu corpo, suas regras, sua intimidade, sua sensualidade, ela nos mostra uma transgressão de valores e padrões pré-estabelecidos pela sociedade, se encaixando fortemente nas lutas feministas. Uma vez que essa obra trabalha a opressão e a condição de desigualdade que a mulher vivia.

Atualmente existem várias atuações feministas no Brasil que defende e ampara os direitos das mulheres. Esse movimento vem se reconfigurando cada vez mais nos últimos anos. Segundo Alves e Pitanguy (1985), as reivindicações tentam atuar em todas as esferas, recriando relações interpessoais para que o feminino não seja desvalorizado e sim valorizado. Vejamos abaixo o que o feminismo busca.

O feminismo busca repensar e recriar a identidade do sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades femininas ou masculinas sejam atributos do ser humano em sua globalidade (ALVES E PITANGUY, 1985, p. 9).

Sendo assim, o feminismo procura fazer com que as diferenças sejam apenas características humanas e que não desvalorizem o direito da mulher. Apesar das opressões sofridas, o movimento continuou a lutar fortemente e foi responsável por mostrar em público temáticas relacionadas à mulher tais como o aborto, o divórcio, a opressão, a submissão e outras demandas sociais enfrentados pela figura feminina. A luta das mulheres por direitos igualitários não foi fácil e ainda não é, mas a cada dia o movimento adapta-se as novas demandas de reivindicações, demandas como a desigualdade de gênero que vem aumentando cada vez mais.

Considerando a perspectiva de Alves e Pitanguy (1985), atualmente o movimento feminista busca lutar contra todas as formas de opressão feminina e desigualdades de gênero nos setores sociais, econômico, político, educacional e histórico, fazendo ruir uma sociedade de valores e culturas impregnadas de machismo que imperou durante muito tempo. Hoje faz-se vital falar sobre o feminismo, ele não só se encontra como movimento articulado, mas também em outras organizações pontuais que apontam por lutas cotidianas, conforme nos diz Alves e Pitanguy (1985):

Entretanto, o feminismo não é apenas um movimento organizado, publicamente visível. Revela-se também nas esferas domésticas, no trabalho, em todas as esferas em que mulheres buscam recriar as relações interpessoais sob um prisma onde o feminino não seja desvalorizado (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 9).

Hoje podemos ver a atuação desse movimento feminista em muitas áreas tantas sociais quanto políticas reivindicam todas as formas de opressão ligada às mulheres sejam no setor doméstico, no trabalho ou na rua. Buscando por questões de suma importância só não para as mulheres, mas para a sociedade em questão.

O movimento feminista atual levantou-se a questão dos fundamentos da assimetria sexual, analisando a produção, internalização e reprodução da ideologia de discriminação. Voltou-se do mesmo modo, para a recuperação das formas de resistência desenvolvidas

pelas mulheres em diferentes culturas e que resultam muitas vezes no estabelecimento de formas alternativas de exercício do poder. (ALVES E PITANGUY, 1985, p. 57)

Atualmente o movimento feminista luta contra a opressão, voltou-se para a resistência que as mulheres têm contra qualquer coerção que se estabeleça diante delas. Ao analisar a audácia de Capitu percebemos que por um lado ela bebeu da fonte do movimento feminista, pois ela representava uma mulher realista e não mais romântica, estabeleceu uma luta árdua para tratar de seus ideais em uma sociedade machista que via na mulher um ser frágil, ideologia criada pelo patriarcalismo, mas Capitu desconstruía tais ideologias, ia contra esses padrões patriarcais, tentando não se opor a qualquer opressão e subjugação referente à classe feminista. Ela tentou lutar, mas seu destino não foi tão feliz, pois foi exilada para do país, logo depois acontece sua morte.

4 O NARRADOR SUSPEITO EM *DOM CASMURRO*

Gostaríamos de convidar o leitor a adentrar no mundo do narrador para olharmos pontualmente para os modos variantes de narrador, dentre as quais iremos pensar o *narrador suspeito*, pois o que nos chega sobre Capitu é uma perspectiva cheia de nuances em que se instalam várias dúvidas. Vale ressaltar que o romance *Dom Casmurro* é narrado em primeira pessoa, a partir disso Dalcastagné (2012) nos diz:

A essa altura, já nem pretendem mais passar a impressão de que são imparciais; estão envolvidos até a alma com a matéria narrada. E seu objetivo é nos envolver também, fazer com que nos comprometamos com seu ponto de vista ou, pelo menos, que percebamos que sempre há um ponto de vista com o qual se comprometer. Por isso, desdobram-se, multiplicam-se, escondem-se, exibindo o artifício da construção. (DALCASTAGNÉ, 2012, p.75)

Esse tipo de narrador suspeito não se mostra mais imparcial diante da narrativa estão envolvidos por completo, e seu objetivo principal é fazer o leitor se envolver por completo também, aceitando seu ponto de vista e não dando espaço para o leitor criar seu próprio ponto de vista, pois está ligado às armadilhas discursivas no narrador suspeito.

Oscar Tacca (1983) nos diz que existem dois tipos de narrador, que é o narrador em primeira pessoa que participa de todos os acontecimentos e identifica-se como personagem e o narrador em terceira pessoa que é aquele que está fora dos acontecimentos da narrativa. Dentro desses narradores temos as categorias variantes: que entre elas estão o narrador testemunha, o narrador suspeito, o narrador parcial, e temos as relações entre os conhecimentos do narrador que podem ser: onisciente, equisciente e deficiente.

Entre esses citados focamos no narrador suspeito de primeira pessoa, mas queremos deixar claro que contém também na obra citada acima o narrador onisciente, pois, segundo Tacca (1983) esse tipo de narrador possui um conhecimento maior do que todos os outros personagens, pois ele vê tudo, e sabe de todos os detalhes da obra. Conforme era *Dom Casmurro*, pois ele sabia de tudo que acontecia na obra, uma vez que ele narrava sua própria história de vida, mostrava ao leitor os fatos existentes e não existentes da obra.

Antes do leitor se perguntar, mas porque não focar só nesse tipo de narrador onisciente ou no narrador em primeira pessoa já que ele sabe de tudo da obra, porque

acreditamos que o narrador suspeito seja também uma das características do narrador em primeira pessoa. Sendo essencial e se fazendo presente nas vozes de Capitu. Diante desse narrador foi que percebemos essas vozes, uma vez que o nosso foco central foi analisar essas vozes de Capitu.

Dalcastagnè nos ressalta que o narrador suspeito em primeira pessoa é aquele que nos faz pensar ou acreditar no diálogo falso, seja de um lado ou de outro tenta nos fazer expandir diante dos sentimentos dele e das expressões, não sabemos até que ponto o narrador suspeito possa vir interferir em uma narrativa, fazendo com que o leitor seja capturado diante de suas armadilhas desenvolvidas em seu discurso. Vejamos abaixo um trecho que nos explica bem o que acontece com o leitor, quando o narrador tenta capturá-lo diante do seu objetivo.

Desde o dia em que Bentinho se transformou em Dom Casmurro e passou a narrar seu drama, o leitor brasileiro teve de abandonar a confortável situação de testemunha crédula. Rompido o pacto da “suspensão da descrença”, resta-nos o tenso diálogo com um narrador que, se por um lado se afirma como farsa, por outro, tenta nos cooptar pela franqueza e expansão de seus sentimentos. Até hoje muitos leitores são capturados pela armadilha discursiva de *Dom Casmurro*. E, outros tantos, cientes das regras (ou da falta delas), passeiam com alguma desenvoltura por seus labirintos, recuperando o prazer do jogo (DALCASTAGNÉ, 2012, p.75).

No trecho acima, Dalcastagné nos relata que o leitor ainda cai muito nas armadilhas do narrador, ainda mais quando esse narrador silencia a personagem e não lhe dá o direito de fala. Isso acontece com Capitu, não podemos saber com exatidão quem realmente é Capitu, e quem o narrador diz ser Capitu, pois o narrador quer que o leitor seja capturado por sua armadilha, que esse leitor venha ser induzido a pensar como ele diante do seu discurso. Vejamos o que essa mesma autora diz sobre narrador suspeito:

Uma vez dispostas as peças e iniciada a partida, podemos acompanhar, ao longo dos anos, o fortalecimento dessa figura nova na literatura, no lugar daquele sujeito poderoso, que tudo sabe e comanda, vamos sendo conduzidos para dentro da trama por alguém que tropeça no discurso, esbarra em outros personagens, perde o fio da meada. Esse é o narrador que frequenta a literatura brasileira contemporânea. O narrador suspeita, seja porque tem consciência embaçada, pode ser uma criança confusa ou um louco perdido em divagações, seja porque possui interesses precisos para defende-los (DELCASTAGNÉ, 2012, p.75)

De início, a autora nos diz que esse tipo de narrador é uma figura nova na literatura e que ao passar dos anos ele se fortaleceu, e já não é mais como aquele sujeito que sabia de tudo na trama, e sim aquele que é suspeito perante a narração, e esse tal narrador tem uma visão embasada que só vê e só fala aquilo que é necessário, ele deixa por meio de sua trama que o leitor desembarace essa visão criando seu ponto de vista, talvez ele embarace porque queira que o leitor possua os mesmos interesses ligados ao dele, que é o caso da suposta traição de Capitu, pois não se pode saber se ela traiu ou não traiu, mas depende da construção do ponto de vista do leitor, se vai cair nas armadilhas discursivas ou não. Essa mesma autora nos diz que esse narrador suspeito não é a única narrativa presente na literatura brasileira contemporânea, mas existem narradores que são fortes e decididos que não tem uma visão embaçada.

Ainda comungando com Delcastagnè (2012), quando na narrativa se faz presente o narrador suspeito não pode saber com exatidão quem é e o que é verdade na trama, uma vez que esse narrador quer puxar o leitor para o lado que ele defende seus principais interesses precisos de qualquer forma possíveis. Para que isso não aconteça é preciso ser um leitor compromissado e não se deixar envolver pelas armadilhas discursivas.

Levando em consideração as vozes de Capitu que advêm do narrador, não podemos saber o que é verdade o que outros dizem dela, e o que o narrador suspeito diz sobre ela. Pois se ela tiver em divergência ou não do pensamento dele, ele vai fazer a narração dela conforme o que ele quer que pense sobre ela, e não o que ela realmente é. Usando assim, qualquer personagem ou situação para fazer o leitor acatar seu ponto de vista.

Veamos um exemplo, o agregado José Dias dizia muitas coisas de Capitu, que ela fazia coisas que não fosse referente à época dela, que seus pais não lhe deram as rédeas, que ela era desmiolada, mas o autor já usa os outros personagens que entre eles esta D. Glória que defende Capitu, o narrador suspeito tenta confundir a mente do leitor, tanto para um lado quanto para o outro, fazendo com que ele julgue a personagem ou defenda, e como sabemos nossa personagem não tem voz no romance, não teve sua vez de concordar ou discordar com esse narrador.

Devido nossa personagem ser silenciada, procuramos saber que vozes são realmente referentes dela, pois como o próprio nome já diz narrador suspeito, nos faz suspeitar totalmente do que diz esse narrador. Sendo assim, não tem como saber até que ponto esse narrador foi imparcial, pois diante de vários pontos de vistas diferentes que o narrador nos faz fluir, acreditamos que sua imparcialidade no romance seja muito pouco. Veamos um pouco sobre essa imparcialidade diante da legitimidade dos

discursos, conforme já falamos acima, no narrador suspeito essa imparcialidade também é suspeita. Observe como essa imparcialidade é suspeita no trecho abaixo.

Não há mais como dialogar com o mundo sem desconfiança, nem tão pouco, ter a pretensão da imparcialidade. Em meio a um emaranhado de discursos somos levados a optar pelo o que nos convém e, é claro, a arcar com a responsabilidade de escolha (DALCASTAGNÉ, 2012, p.76).

Hoje, muitos estudos giram em torno desse narrador suspeito, uma vez que ele se faz bastante presente na literatura contemporânea, conforme já citamos acima. *Dom Casmurro* é uma obra com narrativa duvidosa, pois contém o narrador suspeito em primeira pessoa que já não é muito confiável, o narrador dessa obra aparenta ter uma voz tão sincera que faz o leitor emergir no seu discurso, as coisas fazem tantos sentidos e tem certa conexão que o leitor se envolve na narração suspeita sem nem perceber. Será que os olhos de Capitu eram realmente de cigana oblíqua e dissimulada? Mesmo se não fosse o narrador suspeito os detalhes tão minuciosamente que acabamos acreditando que ela realmente tinha esse olhar, pois nos envolvemos tanto na imaginação e na narrativa que acabamos caindo na armadilha discursiva, uma vez que ele só mostra aquilo que convém na perspectiva dele. Cair ou não cair nessa armadilha depende da nossa reação diante disso, vejamos como acontece esse processo na citação ao lado. “o processo começa pela nossa reação frente a esse sujeito que fala, devemos aceitar o que ele diz só porque é o narrador, ou, ao contrário, desconfiar de suas palavras”(DELCASTAGNÉ, 2012, p.76).

Em *Dom Casmurro* o narrador suspeito utiliza-se da imaginação e dos outros personagens para emaranhar o leitor na sua narração, não mede as palavras para persuadir o leitor e levando para o seu mundo, iludindo para que não suspeite dos fatos por ele narrados, referentes ou não a verdade. Esse narrador suspeito trabalha em cima de artimanhas nos deixando confuso e nos fazendo enxergar a narrativa com os olhos do narrador e não com a construção dos nossos próprios olhos e reflexões, eis o principal objetivo do narrador suspeito fazer com que o leitor se entrelace com seus conceitos.

O narrador suspeito em primeira pessoa foca em cima da imaginação para prender o leitor por inteiro e manipulá-lo diante de todo o romance, sendo assim, trabalhando com a imaginação ele nos faz suspeitar de tudo referente à narrativa, pois ele cria uma alusão, e em recorrência disso acontece à incredibilidade diante dos fatos narrados. Observe o trecho abaixo da obra *Dom Casmurro* que retrata um pouco dessa imaginação e da fantasia que o narrador criou.

Ficando só, refleti algum tempo, e tive uma fantasia. Já conhece as minhas fantasias. Contei-

vos a de vista imperial; disse-vos a desta casa de Engenho Novo, reproduzindo a de Matacavalos. A imaginação foi à companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo. (ASSIS,1999, p.77).

Podemos observar acima que a imaginação foi companheira por toda existência do narrador suspeito na narrativa, gostaríamos de lembrar que o narrador é uma invenção do autor, e que Machado já escreveu muitas outras obras com essa imaginação suspeita inventando muitos narradores mais suspeitos ainda. Dalcastagnè (2012) nos relata que o narrador suspeito além de manipular o leitor vai lhe dando ordem sem que ele perceba, abaixo segue uma das partes que se fazem presentes na obra e que retrata bem essa ordem que o narrador suspeito dá ao leitor para que ele entre em suas artimanhas.

Não consultes dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando, também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até o fim do livro, vai este mesmo (ASSIS, 1999, p.02).

Consolidando com Dalcastagnè (2012) o narrador suspeito em primeira pessoa é também o narrador contemporâneo possuindo estratégias de todo tipo para conquistar e persuadir o leitor, para isso usa sua dominação no discurso narrativo. A partir dessa dominação, de uma certa forma ele silencia certos fatos e acontecimentos para atingir o seu objetivo. Entretanto, acreditamos que isso foi o que aconteceu com a personagem Capitu, pois ela foi silenciada pelo o narrador suspeito, para melhor se sair e para atingir seu potencial.

Segundo Dalcastagnè (2012), muitas coisas contribuem para a narrativa do narrador suspeito, entre elas estão: [1] o tempo em que a narrativa se encontra; [2] as estratégias do narrador; [3] o lugar de fala que facilite o trabalho do narrador diante do seu objetivo. Apesar dessas artimanhas os leitores não são sujeitos comprometidos com todos os aspectos da obra narrada, pois depende do ponto de vista dele para cair nessa armadilha ou não, por isso não são sujeitos comprometidos. O narrador joga suas armadilhas, e o leitor interpreta a narrativa através dos seus conhecimentos, dos seus valores e muitos outros aspectos. Apesar do narrador querer que o leitor entre em conjunto ao seu ponto de vista e acate a sua imparcialidade e legitimidade dos fatos é os aspectos do leitor que faz ele aceitar ou não o que o narrado lhe diz, sobre isso Sartre apud Dalcastagnè (2012) nos relata:

[...] por outro, cada leitor continua interpretando-o a partir de seus aspectos e valores. Então, por mais que o autor esteja querendo discutir legitimidade [...]. Podemos passar por cima de tudo, abandonando inclusive a polêmica proposta e ler com um olhar enviesado; concordando, por exemplo, com o modo preconceituoso como determinado narrador enxerga certa personagem ou situação. Desta maneira, o que fora construído como crítica pode ser incorporado pelo sistema de valores criticado como algo que lhe é próprio. (p.76)

Acreditamos que o narrador suspeito em primeira pessoa, não mostra equanimidade diante dos fatos, o que ele nos mostra em sua narrativa é aquilo que melhor lhe sobressai, intercalado na sua narração discursiva. Pensando nas vozes de Capitu e nas suspeitas que existem na narrativa perante o narrador, continuamos com nossa perspectiva que a personagem citada acima, não teve vez no romance para melhor se sair o narrador suspeito e atingir o ponto crucial do romance, entretanto se fosse um outro tipo de narrador não abriria tantos questionamentos para essas suspeitas. Iremos trabalhar no tópico abaixo o lugar de fala da personagem Capitu, acreditando que seja de suma importância para entendermos um pouco mais sobre a construção de sua voz resultante das falas que saem do outro e para refletir até que ponto o narrador e os outros personagens descrevem Capitu e quem realmente é Capitu.

.4.1 CAPITU E SEU LUGAR DE FALA EM *DOM CASMURRO*.

Tentando entender o lugar de fala de Capitu na narrativa e quais são as vozes dessa personagem que advêm do outro, vale ressaltar qual é o papel do narrador, e que segundo Dalcastagnè (2012) é aquele que fala no lugar do outro ou representa o outro. Devemos pensar qual é a posição desse outro e o que o seu silêncio traz para essa narrativa. No caso, o narrador representa a voz de Capitu, e o seu silêncio Capitu contribui ou esconde algo na obra. Veja o que diz Dalcastagnè (2012, p. 17) sobre outro:

[...] não podemos deixar de indagar quem é, e afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde. [...] as dificuldades associadas ao lugar de fala, quem fala e em nome de quem. Ao mesmo tempo, discutem-se as questões correlatas, embora não idênticas, da legitimidade e da autoridade.(DELCASTAGNÈ, 2012, p.17)

Sendo assim, o lugar de fala do outro esta ligada a sociedade, pensando nas vozes de Capitu, temos que indagar qual é a sua posição na sociedade. Nesse contexto nossa personagem era vista com maus olhos, mas também era admirada por muitos, pois lutava diante dos seus ideais. Devido ela não aceitar o que era imposto pela comunidade, recebia muitas críticas, sem contar que sua família era bem humilde e ela vivia na casa de Betinho e a família de Betinho possuía muitos bens. Também foi vista como interesseira devido a isso. De um lado ela recebia valorizações e do outro era negada perante a sociedade dominante.

“O silêncio [...] é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17). Pensando nisso, o silêncio de Capitu também se sobrepõe ao outro. Uma vez que sua voz foi representada pelo o narrador/personagem Bento Santiago/Dom Casmurro e por todos os outros personagens da narrativa. O problema dessa representação da fala de Capitu é que não se sabe até que ponto é Capitu, pois na narração não ocorre uma legitimidade e uma honestidade perante os fatos narrados. Observe o que Dalcastagnè diz sobre esse problema de representação:

O problema dessa representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepção do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala. (2012, p. 18).

Pensando na representação das vozes, que não se resume apenas em buscar o olhar do outro, mas sim às diversas percepções de mundo que a pessoa que representa tem, e que às vezes é totalmente diferente da pessoa que tem a voz representada, monopolizando assim o lugar de fala do outro, conforme diz Dalcastagnè. Levando em consideração essas percepções de mundo, como um homem pode representar uma mulher se suas percepções de mundo são totalmente diferente como Bento Santiago/Dom Casmurro pode representar as vozes de Capitu se eles têm ideais completamente diferentes, ficando assim, difícil de haver legitimidade e honestidade na representação de sua voz.

Ainda mais quando Capitu se inclui em uma classe popular, pois dialogando com a perspectiva de Dalcastagné onde as classes populares na literatura contemporânea são marcadas pela falta de representantes ou são visto com maus olhos perante seu discurso, e quando se tem discursos pois muitas vezes são silenciados, conforme Capitu, que não teve voz no romance e foi representada pelos os outros e pela dominância discursiva do escritor. Entretanto, quando você tem sua voz silenciada ou representada um dos sentidos é o outro falar por você ou em nome de

você. Capitu não teve voz pois quem falava por ela era os outros, ela tinha seu discurso controlado, negando assim seus direitos de fala na narrativa.

O lugar de fala de uma pessoa tem extrema ligação com a posição que essa pessoa tem com o outro que lhe representa e silencia sua voz, ocorrendo assim uma estratégia discursiva da pessoa que fala e da outra que é silenciada. Pensado nisso Capitu é o outro, no caso o ser silenciado, e seu representante é o narrador ou os personagens que é quem fala dela e por ela, a posição dela perante o narrador é complexa, uma vez que ela era casada com Bentinho, que mais tarde se transformou em Dom Casmurro, o narrador da história, sendo assim a distorção do pensamento de Capitu que foi representado por bentinho pode muito bem não fluir como deveriam ou conforme são, pois essa distorção é configurada e efetivada pelo o narrador.

Capitu não teve voz própria nesse romance, mas teve vez, pois o narrador nos mostra, sutilmente, o quanto era forte e decidida. Capitu foi silenciada e representada pelo o narrador, perdendo assim seu lugar de e sendo dominada por ele, pois quando você fala pelo o outro você esta de certa forma exercendo um domínio sobre ele, negando as contribuições que esse ser silenciado possa dar ao mundo.

Voltado para posição e a classe popular de Capitu perante a sociedade, que se interfase na narrativa diante do seu lugar de fala, vale ressaltar que o narrador Bento Santiago cala e esconde a voz de Capitu para que o intelectual dele possa falar mais auto no romance, diante da narrativa dele e dos seus objetivos, quando Capitu esta silenciada contribui para que ele atinja seu objetivo de uma certa forma.

O lugar de fala conforme Dalcastagné (2012) esta interligado ao exotismo, pois apaga a autoridade enquanto autoria, e apaga a voz do outro deixando silenciado e dominado pela representação que dispensa a presença da voz, esta interligado também ao olhar de dentro que nota grandes variedades de perspectivas e que se se envolve também o lugar de onde se houve. Ainda na perspectiva dessa mesma autora ela nos ressalta que para entender o lugar de fala do outro, devemos entender o lugar de onde se houve para podermos entender essas vozes do outro.

Primeiramente Capitu foi vista de dentro da Rua de Matavalos, logo depois vista como exilada do lado de fora do Brasil para a Suíça. Portanto, para entender o lugar de fala dessa personagem, temos que entender o lugar de onde ouvimos sobre ela na narrativa, ou seja, o lugar de dentro. Sendo assim não precisamos aceitar ou esperar aquilo que vem de fora e sim observar o que vem de dentro do narrador, do ser silenciado, dos personagens, do contexto e de muitas outras coisas.

Outro conceito interligado ao lugar de fala são as diversidades, que não insinuem quem pode falar sobre quem, observe bem, vocês acham que um homem pode falar sobre uma mulher, ou melhor, dizendo falar por uma mulher, claro que depende do ponto

de vista do leitor, mas acreditamos falar até pode, mas expressar e representar com clareza ela, é quase que impossível, porque na verdade não tem como saber os sentimentos, os valores, os modos e muitas outras coisas que se silencia junto com o ser silenciado. Se você estiver silenciado e eu falo por você é claro que eu vou dizer apenas aquilo que lhe convém saber. Foi assim, que o narrado Dom Casmurro fez, quando negou o lugar de fala de Capitu, nos mostrou somente aquilo que para atingir o ponto crucial da narrativa era necessário o leitor saber.

Portanto, o lugar de fala de Capitu foi negado, uma vez que todos os outros personagens têm voz no romance e ela não tem conforme já relatamos acima. Agora vale ressaltar que esse lugar de fala possa ter advindo de diversos fatores que entre eles estão: a classe popular dela que conforme já falamos é raro ser representado na literatura contemporânea conforme nos disse Dalcastagnè, outro fator é a posição do narrador em representar seu intelectual diante dela uma vez que ele possuía muitos bens. A posição do narrador em atingir seu principal objetivo e por isso silencia Capitu, também faz parte desses fatores.

Por último e o que acreditamos que mais se encaixe nessa narrativa, é a crítica que Machado (escritor) faz perante a sociedade, pois com Capitu silenciada e que mesmo assim é muito a frente do seu tempo, ele representa o que acontecia no contexto real em que a sociedade ainda tinha internalizado na mente que a mulher para ser silenciada e que os homens eram quem as representaria, e esse pensamento perdurou durante muito tempo, Capitu nasce como crítica para quebrar esses tabus imposto pelo patriarcalismo e que de uma certa forma ainda está presente nos dias de hoje.

A negação do lugar de fala de Capitu tem haver com um desses fatores. Pois se essa personagem falasse muita coisa mudaria e o ponto crucial desse enredo seria muito diferente, mas mudava também a posição que ela tinha no romance. Muitos acreditam que o ponto crucial é a suposta traição, mas nós acreditamos que o ponto crucial desse enredo é o silenciamento de Capitu que traz em si uma crítica perante sociedade que era subornada aos padrões patriarcais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria de nós sabemos que desde a Idade Média a mulher é silenciada e colocada em posição inferior a dos homens, entretanto suas vozes eram ocultadas e representadas pelo o poder masculino, uma vez que a figura feminina não tinha vez e

muito menos voz perante a eles. O silêncio que as mulheres foram obrigadas a ficarem perdurou durante muito tempo, pois elas eram vistas como um ser incompleto que precisava de alguém que falasse por elas, tendo que ficar submissa, seja ao seu pai ou ao seu marido. Esse silenciamento que oprimia o ser feminino ficou impregnado na sociedade devido ao poder patriarcal que tinha em seu sistema o homem como único representante dessa sociedade, e as mulheres tinham que ficar apenas em uma zona privada que normalmente era doméstica, cuidando dos afazeres dos filhos, do marido ou do pai.

Não tinha o direito nem de pensar sobre determinada coisa quem dirá falar sobre esse determinado assunto, acarretando e aumentando no silenciamento de suas vozes. Muitas dessas coisas que aconteciam na realidade eram retratadas na ficção, e como o que acontecia no contexto real eram a submissão e o silenciamento, na ficção essa representação não seria diferente. Sendo assim, diante do que foi exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar as vozes de Capitu que advêm do outro, considerando que a personagem está inserida em uma narrativa em primeira pessoa, e que a sua voz é totalmente silenciada e configurada pelo o narrador, e que ela representa uma mulher de garra diante da sociedade literária.

Tentamos analisar e refletir até que ponto Capitu é realmente Capitu, acreditamos que não tem como saber quem é ela e quem os outros dizem ser ela. Uma vez que essa personagem não tem voz ativa na narrativa e que conforme nossas análises não têm como saber a imparcialidade e a veracidade no discurso daquele que representa a voz dela, pois é o ponto de vista, e percepção de mundo dela, e não dela.

Buscamos entender como a construção de Capitu aconteceu através do que os outros dizem dela. A construção dessa personagem aconteceu de início pelo escritor seguindo do narrador para os personagens. A identidade dela foi configurada, não por ela e sim pelos os outros. Devido a isso ela era vista na narração de alguns personagens, como dissimulada, ambiciosa, entre muitas outras características, como não tinha voz era subjugada por terceiros, mas apesar de silenciada era mais forte do que muitos personagens, além de enfrentar o sistema da época, ela manteve sua posição de mulher e lutava por sua liberdade, seus direitos e ideais, lutou por sua existência do início ao fim do romance, apesar de ter na obra sua morte.

Sua construção veio intercalada com críticas e subjugações, devido a suas atitudes, pois ela era muito á frente do seu tempo, um tempo onde o poder machista silenciava e oprimia a todo estante o ser feminino. E Capitu não se hesitava diante disso, lutava por seus ideais e suas vontades, pois não se importava com o que iam pensar sobre ela, por isso muitas vezes era vista como dissimulada, pois não escutava nem

seguia os padrões patriarcais do século XIX. A obra *Dom Casmurro* foi publicada em 1900 nesse mesmo contexto de silenciamento e representação, na qual a maioria das mulheres ainda não cogitavam seus direitos, nem desrespeitava os homens dessa sociedade.

Tentamos analisar essa obra sob um ponto de vista diferente, pois as maiorias das pesquisas sobre essa obra giram em torno da suposta traição de Capitu, procuramos fazer diferente e entender quais são realmente as vozes dessa personagem que advêm do outro ou seja do narrador, através do lugar de fala dela. Pois, acreditamos que para entender quais são as vozes que advêm, foi necessário criar uma conexão com o lugar de fala dela e com o narrador suspeito.

Portanto, o lugar de fala de Capitu foi negado, pois todos os outros personagens têm voz no romance proferida pelo o narrador, acarretando ainda mais no seu silenciamento. Pensando em quais são as vozes dela, somos levados a acreditar que todas as suas vozes advêm dos outros, pois ela não teve seu lugar de fala, foi silenciada, configurada e interpretada. Tudo que nos chega é através da narrativa do outro, que tem em seu discurso armadilhas para capturar o leitor e como subsídio a isso usa artimanhas persuasivas que muitas vezes passam despercebidas aos olhos do leitor.

Entretanto, não sabemos quem é Capitu e quem o narrador quer que seja Capitu, pois ele só nos mostra o que é essencial sabermos para que não desmanche seu objetivo crucial na obra que é fazer o leitor acreditar em tudo que ele diz a respeito dela. O silenciamento da voz de Capitu pode ter acontecido por diversos fatores, que entre eles estão: A classe popular dela, o sistema patriarcal que percorria a época e a crítica que Machado trouxe.

Para chegarmos a essas análises foi abordado uma contextualização sobre a história da mulher, consideração sobre os aspectos históricos da obra, sobre silenciamento e feminismo no Brasil, foi analisado o narrador como um narrador suspeito, pois é sempre bom fazer o leitor desconfiar das armadilhas discursivas dele, e por último o lugar de fala de Capitu, onde juntos foram de bastante relevância para analisar as vozes de Capitu. No mais, através desta análise fomos induzidos a pensar que Capitu foi silenciada por que não teve voz própria nem ponto de vista com veracidade no romance, esperamos que nosso estudo contribua para novas pesquisas que gire em torno da personagem que teve sua voz mutilada e fabricada pelo outro, Capitu.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. Ed- São Paulo: Atlas, 2009.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: 1999.

CANDIDO, Antonio. *A personagem do Romance*. In: **A Personagem de Ficção**. 10ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARDOSO, Rosângela Aparecida. **A voz de Capitu na crítica-ficção: relações entre Dom Casmurro e Capitu – memórias póstumas**. 2013. 208 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. CUNHA, M. de F. **Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença**. *História e Ensino*. Revista do Laboratório de Ensino de História, 2000.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro, 2012

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
 _____. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
 _____. **História das mulheres: as vozes do silêncio**. In: FREITAS, M. C. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

D'INCARO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha. **Para traduzir o século XIX: Machado de Assis**. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: ABL, 2004.

GOMES, Eugênio. **O enigma de Capitu**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

GOMES, Francisco **Pela introdução do conceito operativo do gênero**. São Paulo. 2011.

HART, Hosana. **A voz de Capitu através do narrador**. São Paulo. 2015.

LEITE, Lígia Chiappine Moraes. **O foco narrativo ou a polêmica em torno da ilusão**. São Paulo: Ática, 1993.

MARGARIDA, Maria. **Dom Casmurro**. São Paulo: Martins Claret, 2007.

OILVEIRA, Arnaldo **Feminismo**. Lisboa: Enciclopédia Lusa Brasileira, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

PATI, Francisco. **Dicionário de Machado de Assis: história e biografia das personagens**. São Paulo: Rede Latina, 1958.

RAMALHO, Christina. (Org.) **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

RIBEIRO, Igor. A serena Vitória de uma Anti-heroína. In: **Discutindo Literatura**. São Paulo: Ática, 2008.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth.I.B **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundamentação Perseu Abramo, 2011

SANTOS, Oliveira. **A educação da mulher no século XIX**. Disponível em: <http://www.webartigos.com.br>, acesso em: 17 de agosto.2017.

SANTIAGO, Silviano. Retórica da Verossimilhança. In: **Uma Literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

STEIN, Ingrid. **Figuras Femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1984.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Lisboa: Coimbra, 1983.

TILLY, Louise. **Gênero, história das mulheres e história social**. São Paulo. Martins Claret 1994.

